



II COLÓQUIO DE CINEMA E ARTE NA AMÉRICA LATINA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

13 A 17 DE AGOSTO DE 2014
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664. Barra Funda – São Paulo
(Auditório da Biblioteca latino-americana e Salão de Atos)

palestras e debates com pesquisadores
de arte e de cinema latino-americano de
todo o Brasil, além de convidados
da Argentina, do Chile e
do México.

entrada livre e gratuita

confira a programação completa no site do Colóquio: <http://cocaal2014.wix.com/cocaal2014>

ORGANIZAÇÃO:

Grupo de Estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas

REALIZAÇÃO:



APOIO:

|| sumário ||

apresentação 	3
colóquio 	3
eixos temáticos 	3
cinema e antropologia.....	3
cinema e artes visuais.....	4
cinema, estética e política.....	4
cinema e literatura.....	4
cinema e relações institucionais	5
cinema e teatro	5
cinema e história	5
cinema e som.....	5
cinema e psicanálise	6
inscrições e normas 	6
agenda 	7
programação 	8
QUARTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO.....	8
QUINTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO	16
SEXTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO	24
SÁBADO, 16 DE AGOSTO	31
DOMINGO, 17 DE AGOSTO	39
convidados 	39
equipe 	42
contato 	43

|| apresentação ||

Os programas de Pós-Graduação de História da Arte, Ciências Sociais e História da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, o Memorial da América Latina, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e o grupo de estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas convidam a todos para o II Colóquio de Cinema e Arte da América Latina: Memória e Resistência, a realizar-se entre 13 e 17 de agosto de 2014 no Auditório da Biblioteca e no Salão de Atos do Memorial da América Latina (Avenida Auro Soares de Moura Andrade, 664, Metrô Barra Funda – São Paulo).

|| colóquio ||

Os programas de pós-graduação de História da Arte, Ciências Sociais e História da Unifesp, o Memorial da América Latina, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e o Grupo de Estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas - Diálogos entre Construção, Expressão e Espacialidade convidamos pesquisadores interessados em participar do *II Colóquio de Cinema e Arte da América Latina: Memória e Resistência*, a ser realizado, na cidade de São Paulo, nos dias 13, 14, 15, 16 e 17 de agosto de 2014, no Memorial da América Latina (ao lado do metrô Barra Funda).

Este segundo encontro possui 9 eixos temáticos, que têm a finalidade de fazer da interdisciplinaridade um fundamento do colóquio. Mais do que um intercâmbio entre domínios, a ideia é romper fronteiras, orientando-nos pela lei do “bom vizinho” do método warburgiano: a solução dos problemas sempre está no livro ou na pesquisa ao lado. Trata-se de pensar o cinema e a arte da América Latina como uma memória que costura fios dispersos. De modo que a montagem das dissociações das lembranças se pauta pela noção de resistência, com o objetivo de assumir o mudo clamor das expectativas mutiladas do passado – não para explicar o que passou, mas para resgatar a sua atualidade.

Organização:

Grupo de Estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas - Diálogos entre Construção, Expressão e Espacialidade

|| eixos temáticos ||

O colóquio foi organizado a partir dos nove eixos temáticos descritos a seguir. Na programação, trabalhos de diversos eixos se entrecruzam, reafirmando a interdisciplinaridade e o diálogo como ponto importante de nossa proposta.

cinema e antropologia

O cinema da América Latina age como meio comunicante das realidades da região e também como força de resistência de vários outros contextos que compõem a miscelânea continental. Assim, a produção fílmica impulsiona temas

estimados pelo saber antropológico - seja pela aproximação audiovisual às questões de identidade, violência, gênero, memória etc., como pelo crescente envolvimento da antropologia com a visualidade, sua aparição, recepção e transformação. Daí sobrevir, através do cinema, tendências interventivas e participativas de autores que, direta ou indiretamente, produzem conhecimento antropológico. Como resultado desse posicionamento há o estímulo à ação criativa e reflexiva de minorias culturais ou grupos periféricos do circuito dominante através do cinema. Assumindo a amplitude do tema, este eixo pretende adensar o debate entre o Cinema e a Antropologia.

cinema e artes visuais

A interlocução entre cinema, arte moderna e contemporânea pode ser abordada a partir de diversos gêneros cinematográficos: documentário, ficção, cinema experimental e expandido. O objetivo é estudar a produção imagética cinematográfica e suas relações com expressões artísticas de vários campos do conhecimento: artes plásticas, arquitetura, fotografia, videoarte, design, dança e dispositivos móveis da América Latina, entre outros, a partir de um ponto de vista de resistência em contraponto à dominação cultural. As propostas deverão considerar o amplo universo de produção da imagem e suas hibridizações, em especial aquelas que propõem uma poética da memória.

cinema, estética e política

A proposta deste eixo é pensar a relação entre estética e política nas produções cinematográficas e videográficas da América Latina. Assim, algumas possibilidades de abordagem são: o diálogo entre forma e conteúdo político, a estética cinematográfica e sua dimensão política, a política implícita ou explícita das narrativas cinematográficas, a visibilidade ou a invisibilidade de certos temas, personagens ou estéticas, e a política da estética e/ou a estética da política cinematográfica. Deste modo, a política pode ser expressa nas próprias manifestações estéticas e as produções podem ser pensadas dentro de um jogo político, em especial, em torno do controle da visibilidade. Os mecanismos de poder, que (re)produzem a desigualdade social, embrenham-se nos dispositivos que definem o que é visível e invisível e quem fala sobre o que, como e onde. Trata-se de uma disputa em que se enfrenta um jogo de forças na legitimação das representações.

cinema e literatura

Este eixo é dedicado, de forma ampla, às intersecções entre cinema e literatura no contexto latino-americano, tendo como base de análise o discurso cinematográfico. Centrar-se-á na pluralidade de abordagens do fluxo interno da linguagem literária no cinema, sobre a égide da adaptação cinematográfica ou sobre múltiplos fenômenos de inscrição e metamorfose de corpos textuais em imagem fílmica. Trata-se de pensar a história das relações entre cinema e literatura na América Latina, sempre tendo em conta os limites semióticos da tradução mútua. Deste modo, partir-se-á do princípio de que as relações entre a literatura e o cinema não servem à submersão de uma materialidade na outra, mas permitem pensar dialeticamente as ideias literárias e as ideias cinematográficas.

cinema e relações institucionais

Os estudos de cinema raramente levam em conta análises econômicas e, menos ainda, aquelas apoiadas na economia política, como afirma Octavio Getino. As implicações políticas e ideológicas dos arranjos econômicos também são relevantes e podem ser instrumento de trabalho dos grupos de representação da classe, como as Associações Regionais e Nacionais de vários segmentos. Apenas recentemente, aspectos como distribuição, circuitos exibidores, políticas de apoio, leis de incentivo, parâmetros de regulamentação para o setor ou a relação entre cinema e Estado vêm ganhando a devida atenção. O objetivo deste eixo é analisar como tais práticas econômicas e culturais e de classe moldam o fluxo de filmes, a produção e o consumo, e discutir as relações sociais e de poder envolvidas desde o projeto até a exibição desse bem cultural.

cinema e teatro

O cinema, desde o início de sua criação, teve como uma de suas influências e referências a linguagem do teatro: é fácil reconhecer a teatralidade dos filmes de Méliès, a influência do teatro de Meyerhold no cinema de Serguei Eisenstein, entre outros exemplos. O cinema da América Latina que busca repensar a realidade de cada país também estabeleceu um intercâmbio criativo e crítico com as artes cênicas, o que muitas vezes resultou em experiências filmicas de rompimento com a linguagem hegemônica da indústria cultural. O histórico do intercâmbio entre cinema e teatro e suas possibilidades futuras fundamenta este eixo, que pretende aprofundar o debate e a pesquisa entre o cinema e teatro na América Latina.

cinema e história

O cinema - e, numa perspectiva ampliada, o audiovisual - vem sendo um campo cada vez mais frequentado também por historiadores, nas últimas décadas. São múltiplas as possibilidades de abordagem e pesquisa do filme como documento histórico. Sob o prisma da memória e da resistência, por exemplo, categorias que norteiam a concepção do presente colóquio, o cinema pode ser pensado, historicamente, como parte de um circuito de produção de memória, onde também cabe a perpetuação ou a contestação de discursos. Inegavelmente, toda produção audiovisual também está, de alguma forma, relacionada à disputa simbólica pelo poder, integrando ou desafiando políticas que, na sociedade, perfazem jogos complexos de adesão e resistência. Assim, ao debater as problemáticas que concernem à memória e à resistência, vem sendo um desafio gratificante aos pesquisadores interessados na abordagem do cinema como fonte histórica, considerar, em sua análise, as peculiaridades da linguagem filmica, suas ambiguidades, seus sistemas de representações e significados políticos, bem como seus diálogos e conexões com produções e movimentos culturais contemporâneos.

cinema e som

O som na obra audiovisual modifica a percepção global do espectador, construindo um universo novo. O objetivo é refletir sobre o som como poética de memória e resistência, em suas relações com a imagem no cinema e demais expressões audiovisuais da América Latina. As propostas podem explorar: a análise de questões colocadas pela música, as funções narrativas dos ruídos

e/ou dos silêncios, a percepção do tempo na imagem, o papel das vozes para além dos diálogos e as relações entre o som e a criação do espaço cinematográfico, entre outros.

cinema e psicanálise

O cinema e a psicanálise são contemporâneos. A gênese dos dois pode ser, de certa maneira, remontada a 1895, o cinema com as projeções dos Lumière e a psicanálise com a publicação do livro *Estudos sobre a histeria*, de Freud e Breuer. Desde então, essas áreas vêm mantendo um diálogo constante em que os olhares e formas de constituição e interpretação se imbricam e estabelecem conexões: da correlação de imagens com os sonhos aos jogos das identificações entre espectador e personagens ou com a imagem mesma, pode-se evidenciar distintas maneiras em que se tangenciam. Como toda cultura estabelece as próprias formas de se representar, é fundamental pensar nas maneiras como se estabelece o que é próprio ou se vê como próprio da América Latina, o que, num certo sentido, produz uma subjetividade latino-americana e como ela, por meio de suas realizações cinematográficas, se representa.

|| inscrições e normas ||

As inscrições devem ser realizadas **entre 20 de janeiro e 10 de abril de 2014** através do envio de uma proposta de apresentação para o e-mail cocaal2014@gmail.com

A **proposta** deve conter:

Nome do proponente:

Instituição a qual pertence (Programa, Faculdade/Instituto e Universidade):

Minibiografia (até 1.000 caracteres):

E-mail:

Telefone:

Título do trabalho:

Eixo temático:

Resumo (até 1.000 caracteres):

Resumo expandido (até 3.000 caracteres):

Graduandos, Graduados, Mestrando, Mestres, Doutorando, Doutores, Pós-Doutores e pesquisadores independentes podem participar.

Os trabalhos serão aceitos em português ou espanhol.

As propostas serão avaliadas pelo Comitê Científico e pelo Comitê Organizador, e os trabalhos aprovados serão divulgados em **15 de maio de 2014**.

Para efetivar a participação, o proponente deverá enviar o artigo completo ao e-mail cocaal2014@gmail.com **até 30 de junho de 2014**.

Na abertura do evento, será cobrada uma taxa de inscrição no valor de R\$ 40,00 para os pesquisadores e R\$ 20,00 para os estudantes que apresentam trabalhos.

As inscrições para ouvintes são gratuitas. Em breve serão divulgadas informações sobre as inscrições de ouvintes.

O tempo de apresentação para cada autor é de **20 minutos**, e haverá tempo extra para debate ao final de todas as exposições.

Os artigos completos devem seguir as seguintes normas:

Arquivo em Word (.doc ou .docx)

Formato A4 (margens: Normal)

Idioma: português ou espanhol

Título do trabalho: Arial, 14, caixa alta, negrito, centralizado.

Nome completo do autor: Arial, 11, alinhado à direita.

Filiação institucional: Arial, 11, alinhado à direita.

E-mail do autor: Arial, 11, alinhado à direita.

Resumo: 1.000 caracteres, Arial 12, justificado, espaçamento simples.

Palavras-chaves: de 3 a 6, separadas por vírgulas.

Texto: até 15 páginas, Arial 12, justificado, espaçamento 1.5, sem recuo de parágrafo, deixar um espaço entre cada parágrafo.

Subtítulos em itálica.

Nomes de filmes, livros e obras devem vir em itálico, acompanhadas do título original, autor e ano. Exemplo: *O pântano* (La ciénaga, Lucrecia Martel, 2001).

Citações de até três linhas devem estar no corpo do texto, entre aspas, seguidas da indicação bibliográfica, que deve usar o formato (AUTOR, ano: página). Exemplo: (GETINO, 2005: 258). Citações com mais de três linhas devem estar em outro parágrafo, com recuo de parágrafo 4, Arial 11, justificado, espaçamento simples, também seguidas da indicação bibliográfica.

Notas: ao pé da página, Arial 10, justificado, espaçamento simples. As notas não devem ser usadas para referências bibliográficas.

Bibliografia: no final do documento, Arial 11, justificado, espaço 1.5, seguindo as normas ABNT.

Não serão aceitas comunicações entregues fora do prazo e que não estejam dentro das normas solicitadas pela chamada.

Haverá certificado para todos os participantes, apresentadores e ouvintes.

|| agenda ||

20 de janeiro a 30 de março | inscrições das propostas de apresentação de trabalho.

30 de abril | comunicação dos trabalhos selecionados.

30 de junho | prazo para envio do texto completo (a inscrição apenas será efetuada através do envio do trabalho completo).

1 de agosto | divulgação da programação completa.

13, 14, 15, 16 e 17 de agosto | II COCAAL

|| programação ||

QUARTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO

9h00 – 10h45, Auditório da Biblioteca

MESA 1: O desbunde, o moderno e a marginalidade

Flávio Rogério Rocha (UFSCar). Desbunde superoitista: sexualidade alegórico/política na Mostra Marginália 70

Esse artigo pretende analisar nove películas feitas na bitola cinematográfica Super 8, contidas na Mostra Marginália 70: o experimentalismo no Super-8 brasileiro (curadoria de Rubens Machado, realização Itaú Cultural, 2001). Utilizaremos o termo desbunde para designar esse conjunto de filmes, da década de 1970, que têm como tônica um forte ato contestatório aos padrões sociais da época, através da alegorização da realidade e subversão da ordem estabelecida. A grande questão que se impõe é a quebra dos paradigmas socialmente aceitos, através do exercício da livre sexualidade e da experimentação de uma sexualidade dúbia.

Marina da Costa Campos (UFSCar). Experimentalismos: a produção de filmes do Cineclube Antônio das Mortes

Este trabalho tem o objetivo de abordar a produção audiovisual realizada pelos integrantes do Cineclube Antônio das Mortes, entre os anos de 1981 a 1987. Esta entidade surgiu em 1977 e durante dez anos de existência desenvolveu as seguintes atividades: exibição e debate de filmes, grupos de estudos e produção audiovisual. A partir dos estudos e exibições, em 1981 criaram o Núcleo de Produções do Cineclube Antônio das Mortes, uma cooperativa formada por alguns membros da entidade para a realização de filmes experimentais. Desta maneira, constituiu-se num dos poucos exemplos, no Brasil, de cineclubes que também atuaram na produção de filmes. Pretende-se, aqui, apresentar o histórico desse Núcleo, as formas de produção, o conceito de experimental para esses integrantes e as obras realizadas, a fim de apontar como a experiência cineclubista esteve impressa, de alguma maneira, nos filmes produzidos pela entidade.

Nanci Rodrigues Barbosa (Senac - SP). O mal-estar e o vigor de linguagem nos filmes universitários Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora (1968) e A morte da strip-tease (1969)

Este artigo analisa duas das produções realizadas com o advento do curso de Cinema da ECA/USP, observando como a produção universitária dialogava com o momento político existente no país, como desenvolvia experimentações de linguagem, como lidava com os modos de produção e como articulavam o fazer e o pensar cinema no contexto de um projeto educacional que se dava sob o regime militar. As duas obras escolhidas investem na experimentação da linguagem cinematográfica, com liberdade temática, com foco no espaço urbano, enfrentando a complexidade das contradições sociais que se desenhavam e a crescente participação da mídia na esfera social e cultural. Diante da realidade de um país subdesenvolvido, que via a possibilidade de um projeto de país fracassar, os autores dessas obras universitárias também buscavam estabelecer novas relações entre vida e linguagem, entre arte e cotidiano, e apontam para o que Ismail Xavier chama de “sentimento de mal-estar” com a dilaceração de uma geração.

Estevão de Pinho Garcia (USP). O cinema moderno pós-1968 no Brasil, no México e na Argentina

A presente comunicação pretende analisar três distintas experiências latino-americanas, associadas às mudanças e redefinições ocorridas no seio do cinema moderno a partir de 1968, por meio da comparação de três cinematografias: a brasileira, a mexicana e a argentina. Em cada uma delas podemos encontrar exemplos de cineastas ou grupos, conectados à modernidade cinematográfica, mas que, no entanto, não se alinhavam ao modelo ou movimento que a maior parte da crítica e da historiografia compreendia como sinônimo de um “autêntico” cinema moderno latino-americano, em outras palavras, o Nuevo Cine Latinoamericano (NCL). Assim, ao analisarmos a obra do cineasta chileno radicado no México Alejandro Jodorowsky, os filmes do grupo argentino CAM e da produtora brasileira Belair estudaremos os seus principais elementos de ruptura ao cinema político latino-americano e suas diferentes maneiras de abordar a política e a identidade nacional de seus respectivos países.

Mediação: Marina da Costa Campos

9h00 – 10h45, Salão de Atos

MESA 2: Programação, distribuição e exibição

Hadija Chalupe (UFF). Filme sustentável: as boas práticas de manejo cinematográfico

No campo do audiovisual podemos afirmar que, independente do alcance, ou da temática, é notória a importância dos Festivais e Mostras de Filmes, sejam eles voltados para o mercado local, ou para o internacional. Dessa forma, objetivamos nesta proposta analisar o papel dos Festivais Internacionais de Filmes como um importante canal de incentivo à realização e coprodução cinematográfica independente.

Giuliano Jorge (UFF). Na trilha dos novos espectadores: os festivais e mostras de cinema infantil no Brasil

Esta pesquisa visa apresentar o importante papel dos festivais, mostras e programas de exibição de filmes e produções audiovisuais destinados ao público infantil, na tentativa de consolidação de um circuito para esta audiência.

Mateus Nagime (UFSCar). Curadoria e programação de salas de repertório: possíveis abordagens

Este trabalho busca entender o que é curadoria cinematográfica e como ela se aplica nas salas de repertório ao redor do mundo. Salas de repertório são aquelas que exibem filmes fora do circuito comercial, um espaço para importantes e esquecidos títulos da história do cinema e outros tipo de reflexões, tais como: produção literária, debates, cursos e análises, buscando compreender como o cinema se insere diante de uma sociedade. Dentre os questionamentos que procuramos responder se encontra a diferença entre um programador e um curador de cinema, os diferentes estilos de programação e como eles trabalham a relação do público com o espaço e com a própria criação de uma história do cinema, além de relações econômicas e políticas que afetam diretamente estas exibições culturais. Vários modelos de programação em salas de repertório foram analisados, além do papel das tecnologias digitais, que auxiliam a exibição de filmes e também promovem uma maior interação com o público via internet.

Daniel Vicente Maggi Balliache (UFSCar). Exibição de documentários em salas de cinema: uma comparação Brasil-Venezuela

A seguinte comunicação discute e compara algumas características da exibição de longas-metragens documentários em salas de cinema do Brasil e da Venezuela entre 2005 e 2013. A partir de 2005, em ambos os países o número de documentários exibidos em salas aumentou consideravelmente graças a políticas estatais de fomento, o que têm criado uma “oferta sustentada” de filmes nacionais que não corresponde à demanda do mercado cinematográfico. Nesse sentido, queremos aqui descrever diferentes medidas que têm-se posto em prática nos dois países para garantir a circulação dessa oferta, o que é exigido pela lei. Também descreveremos algumas estratégias que diversos atores do meio cinematográfico têm aplicado em relação à exibição de documentários em sala. A análise é feita a partir do cruzamento de dados estatísticos dos órgãos cinematográficos de cada país, pesquisas acadêmicas (caso Brasil), entrevistas (caso Venezuela) e estudos sobre o mercado cinematográfico latino-americano.

Mediação: Teresa Noll Trindade

11h00 – 12h45, Auditório da Biblioteca

MESA 3: Resistência e engajamento

Carolina Amaral de Aguiar (USP). O ICAIC e a consolidação de uma resistência épica do “povo chileno”: análise de Cantata de Chile (Humberto Solás, 1976)

Esta comunicação analisa a ficção Cantata de Chile (Humberto Solás, 1976) com o objetivo de verificar de que forma ela cria uma imagem épica da resistência ao autoritarismo nesse país, em um contexto posterior ao golpe de Estado de 1973. Para isso, Solás estabelece vínculos entre o momento presente (a queda da Unidade Popular) e diversos episódios da História chilena, especialmente o Massacre de Santa María de Iquique, quando trabalhadores do salitre em greve foram mortos pelo exército em 1907. Esse acontecimento é usado, em um filme que recorre a elementos narrativos da epopeia, para exaltar a resistência do

povo frente à opressão. Nessa produção cinematográfica, da qual participam essencialmente atores chilenos, os operários em greve percorrem o caminho das minas à cidade, compartilhando suas experiências para consolidar uma consciência de classe. Dessa forma, a classe trabalhadora é a principal protagonista de *Cantata de Chile*, convertendo a História nacional em uma memória coletiva que impulsiona as lutas do presente. O realizador constrói um discurso que parte da oposição colonialismo versus libertação para interligar episódios fundamentais do passado da nação, como as guerras coloniais na Araucanía, a Independência e o suicídio do presidente Balmaceda. Por fim, vale ressaltar que, ao abordar o contexto chileno, Solás incorpora expectativas do governo cubano ante aos militantes do país sul-americano que estavam exilados em Cuba – muitos deles atuando no ICAIC, instituição produtora do filme, durante os anos 1970.

Ignacio del Valle Dávila (USP). El Cine-Acto: estrategia de acción política y resistencia cinematográfica

En esta presentación analizaremos el concepto de Cine-Acto desarrollado por el grupo argentino Cine Liberación en el documental *La hora de los hornos* (1966-1968) y teorizado en el manifiesto *Hacia un tercer cine* (1969). El Cine-Acto concebía las proyecciones cinematográficas como un acto de resistencia política, en el cual los filmes servían como detonantes para un debate del público, que se esperaba derivase en un compromiso práctico con la “liberación”. Nuestro objetivo es analizar la evolución de la práctica del Cine-Acto durante la dictadura autodenominada “Revolución Argentina” y esbozar algunas de sus características teóricas. Asimismo, estudiaremos cómo tras el auge de estas acciones, a fines la dictadura, la discusión que proponía el Cine-Acto decayó después del regreso del peronismo al poder.

Isadora Remundini (UNIFESP). Imagem documental e ressignificação: os excertos de Maioria absoluta (Leon Hirszman, 1964) em *La hora de los hornos* (Grupo Cine Liberación, Octavio Getino e Fernando Solanas, 1968)

O documentário *Maioria absoluta*, realizado por Leon Hirszman entre os anos de 1963-64, imbricado ao discurso político-cultural desenvolvido no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), parte da questão ampla do analfabetismo para abordar as diversas mazelas que acometem os estratos mais pobres da população brasileira. No que concerne ao reconhecimento e difusão de seu caráter enquanto documentário político-social, é de extrema relevância a trajetória de circulação e ressignificação de suas imagens, em que se destaca sua utilização em *La Hora de los hornos* (1968), emblemática obra do Grupo Cine Liberación no âmbito do cinema latino-americano, proponente de uma estética filmica cujo objetivo era apresentar e transformar a realidade do subcontinente. Pretendemos avaliar a ressignificação das imagens de *Maioria absoluta* no documentário argentino bem como investigar questões em diálogo entre os dois filmes.

Fabián Núñez e Marina Cavalcanti Tedesco (UFF). O real e a resistência: método filmico e estética no cinema de Marta Rodríguez

A documentarista Marta Rodríguez possui uma singular obra que aborda relevantes questões da sociedade colombiana desde os anos 1960. Com formação em sociologia e antropologia, estuda cinema com Jean Rouch e

realiza, ao lado do fotógrafo Jorge Silva, filmes nos quais desenvolve um método próprio, que associa a militância política com a observação participante antropológica. No entanto, é possível afirmar a existência de duas linhas gerais em sua obra: 1) filmes marcados pelo método ímpar de trabalho construído por ela e Silva a partir da convivência com as comunidades retratadas e 2) filmes marcados pela urgência. Ambas se interrelacionam. Posto isso, o nosso trabalho levanta as seguintes questões: 1) existem diferenças estéticas entre as duas vertentes mencionadas acima?; 2) que transformações estéticas existem, em linhas gerais, na obra de Rodríguez? e 3) é possível identificar algum traço em comum em todos esses filmes?

Mediação: Mariana Villaça

11h00 – 12h45, Salão de Atos

MESA 4: O cinema como instrumento de diagnóstico, luta e memória

Kim Wilheim Doria (USP). De *O invasor* a *Trabalhar cansa*: experiência urbana e capitalismo tardio em uma sismografia possível dos anos Lula

A partir da análise filmica de *O invasor* (Beto Brant, 2002) e *Trabalhar cansa* (Juliana Rojas e Marco Dutra, 2011), procurar-se-á refletir sobre a forma como a sociedade brasileira se precipita formal e tematicamente em narrativas elaboradas na base dos gêneros cinematográficos. As obras apresentam, tanto no nível dramático quanto no da representação, uma nova configuração da luta de classes, marcada pela selvagem busca de ascensão social e inclusão no universo de consumo e de trabalho. As considerações traçadas na comparação dos filmes parecem intuitivas para se pensar a história durante o período que separa as suas realizações, notadamente a eleição e governo do presidente Lula, assim como o encontro da experiência brasileira com o capitalismo tardio.

Virgínia de Oliveira Silva (UERJ). Amanda e Monick: documentário e ficção

O presente texto visa analisar os fios da narrativa do documentário paraibano Amanda e Monick (André da Costa Pinto, 2007) que, nas nesgas de seus enlaces e costuras, nos permitem entrever conteúdo e forma inscritos fortemente sob o signo do duplo. Utilizamos o conceito de hibridização dos gêneros cinematográficos para melhor compreendermos a estética traçada pelo diretor e por sua equipe de profissionais, durante o processo de produção do referido curta-metragem. Destacamos o processo de extrema mudança que vem se exercendo no seio da instituição familiar, e concluímos que as questões culturais e socioeconômicas são importantes e, muitas vezes, determinantes para se obter respeito e dignidade, mesmo para quem se assume como travesti numa cidade do interior da Paraíba.

Maíra Bosi (UFRJ). O filme de família e a memória: a criação de um novo lugar de memória para a cidade de Fortaleza através do filme *Supermemórias*

O presente artigo versa sobre a relação entre imagem e memória, a partir de questões que emergem do curta-metragem ensaístico cearense *Supermemórias* (Danilo Carvalho, 2010). Este filme é composto, exclusivamente, por imagens de arquivos familiares em formato super 8, filmadas entre as décadas de 60 e 80, em Fortaleza, capital do nordeste brasileiro que vem experimentando um crescimento urbano bastante significativo. O filme *Supermemórias* cria, então,

um novo lugar de memória para esta cidade, a partir do desarquivamento e da montagem das imagens de família produzidas por seus habitantes em um passado recente. Essas imagens traduzem o desejo de permanência de um instante especial vivido e compartilhado e, atualizadas nesse filme, suscitam inúmeras questões, dentre as quais, as que destacamos neste estudo: a imagem de família como suporte para a memória, o filme Supermemórias como lugar de memória e a relação entre memória coletiva e memória individual.

Nayara Matos Coelho Barreto (UFRJ). *PorNo PorSi: empoderamento e resistência na pornografia feminista latino-americana*

Esta proposta de trabalho pretende investigar a dimensão política e estética dos produtos audiovisuais produzidos pelo coletivo feminista latino-americano intitulado *PorNo PorSi*. O objeto deste estudo está centrado na pornografia e nas formas de se representar, tematizar e construir imagens e saberes sobre a sexualidade feminina, tendo como elemento nuclear a potência política de um fenômeno recente que circula na internet: a auto-pornificação do corpo feminino. Portanto, cinema, pornografia e sexualidade são examinados em sua construção estética e política, buscando entender de que forma essas instâncias audiovisuais do pornográfico se transformaram, abrindo novos espaços para desconstruções estéticas e representativas ligadas à sexualidade e ao gênero.

Mediação: Fernando Rodrigues Frias

14h30 – 16h15, Auditório da Biblioteca

MESA 5: Ditadura no cinema contemporâneo

Alexsandro de Sousa e Silva (USP). A "nação refém": reconstruções políticas da memória em *Dawson Isla 10* (Miguel Littín, 2009)

O objetivo do texto é analisar o filme *Dawson Isla 10* (Miguel Littín, 2009) para conferir como é construída uma memória sobre as vítimas do regime militar no Chile (1973-1990). O filme, inspirado no livro homônimo de Sergio Bitar, exibe os sofrimentos e momentos de humanismo na prisão, que teve como prisioneiros políticos ex-ministros e diplomatas do governo de Salvador Allende (1970-1973). Acreditamos que a película traz uma visão reconciliadora da Unidade Popular, minimizando as tensões políticas entre os presos para colocá-los frente a um inimigo comum, a ditadura; a partir daí, constrói-se a ideia de uma "nação refém", que ainda não se libertou dos problemas do passado. Buscaremos discutir algumas estratégias narrativas e estéticas voltadas à construção desse argumento audiovisual.

Mariana Villaça (UNIFESP). História e memória no documentário *Cinemateca del Tercer Mundo*, de Lucía Jacob (2011)

Por meio do documentário uruguai *Cinemateca del Tercer Mundo* (62', 2011), Lucía Jacob, filha de um dos integrantes desse coletivo de cineastas, se propôs a contar a história dessa peculiar Cinemateca e a homenagear todos os que de alguma forma participaram dessa experiência de breve duração, interrompida pelo acirramento da repressão no país, no final dos anos 1960, que culminou no golpe civil-militar de 1973. A cineasta promove e registra um encontro celebrativo de pessoas que, 40 anos depois da criação da Cinemateca, ocorrida em 1969, se reúnem para relembrar e confraternizarem-se. O documentário altera

registros desse encontro e testemunhos de vários protagonistas, individualmente. Pretendemos analisar como o documentário de Lucía Jacob constrói uma memória dessa experiência e um discurso histórico sobre a mesma, dando destaque a certas produções e a determinados sujeitos em detrimento de outros. Também pretendemos refletir sobre o lugar da história uruguaia nesse filme "memorial" e analisar as opções formais adotadas em sua produção.

Denise Tavares (UFF). Arquivos ativos da memória: fotografia e resistência a partir de *La ciudad de los fotógrafos* (Sebastián Moreno, 2006)

Desde que compreenderam a força da imagem como testemunho da história, ativistas e militantes de esquerda se valeram, não poucas vezes, da máquina fotográfica como "arma" essencial para que a barbárie não fosse soterrada durante as últimas ditaduras militares da América Latina. Assim, destacando o filme *La ciudad de los fotógrafos* (2006), dirigido por Sebastián Moreno, a proposta é discutir o papel fundamental do registro fotográfico como guardião da memória e espaço de resistência. Tal abordagem ancora-se na ideia de que ambos são fundamentais para que a história, problematizada, permita que as novas gerações encontrem caminhos para se contraporem aos silêncios e versões que ainda persistem sob os "acordos de democratização" que, infelizmente, prevaleceram em tantos países e impedem que a justiça, de fato, seja feita.

Mediação: Mariana Villaça

14h30 – 16h15, Salão de Atos

MESA 6: Adaptações, transcrições, traduções - diálogos com música, artes visuais e literatura

Ana Flávia de Andrade Ferraz (UnB/UFAL). Olhares sobre o trágico: da literatura ao cinema

O presente artigo tem como proposta apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa *De Marias, Farpas e Infâncias: o olhar trágico de Arriete Vilela no cinema alagoano* que busca analisar as obras literárias da escritora alagoana Arriete Vilela, sob a ótica do trágico moderno, bem como suas adaptações para a linguagem cinematográfica, realizadas pelos cineastas Henrique Oliveira (Farpa, 2012) e Pedro da Rocha (Grande Baú, a Infância, 2013). Buscamos analisar os conflitos oriundos das experiências do trágico na expressão artística contemporânea, mais especificamente na literatura e cinema daquele estado. Por entendermos que o processo de adaptação é bem mais complexo do que o encontro das equivalências entre as páginas e a tela, as indagações e cobranças sobre fidelidade, pureza e autonomia, tornam-se fatores secundários na pesquisa. A questão leva-nos à análise dos componentes estéticos e temáticos usados tanto na narrativa literária quanto na narrativa filmica, através da observância dos elementos trágicos em ambas as obras.

Débora Cristiane Silva e Sanchez (UNESP). A importância de Poty e Geraldo Vandré para a obra literária e filmica *A hora e a vez* de Augusto Matraga

A presente investigação versa sobre a tradução intersemiótica do conto *A hora e vez* de Augusto Matraga contida na obra *Sagarana* (João Guimarães Rosa, 1977). Foi utilizado para este estudo a 20a edição com ilustrações de Poty Lazarotto, pois o mesmo relaciona como a xilogravura de Poty se comunica com

o texto de Rosa, reforçando o caráter dualista do autor em suas obras, entre outros aspectos. Levando em consideração esse fator, é analisada na transmutação para o cinema no filme de Roberto Santos do ano 1965, além de aspectos formais da película, a canção Réquiem para Augusto Matraga (Geraldo Vandré, 1966), pois aqui a música é considerada fundamental para tal adaptação e acredita-se que os desenhos de Poty estão para o texto de Rosa assim como a música de Vandré está para a adaptação da obra filmica (a qual adquire um tom de contestação frente ao período militar).

Elen Doppenschmitt (FIAM/FMU). *Palomita blanca: circulação de textos de literatura, música e cinema na compreensão do imaginário político do Chile*
 Discutiremos a produção cinematográfica latino-americana marcada por contextos autoritários que resultaram em experiências traumáticas e cujas obras são fortes documentos não apenas de diagnósticos possíveis de um período, mas também do destino histórico das mesmas. A inconclusão da obra *Palomita blanca* de Raul Ruiz (Chile, 1973-1992), adaptação do livro homônimo de Henrique Laforcade, e o fato de ter sido exibida apenas muitos anos depois, promovendo novos sentidos a novos receptores, são as razões que tornam este filme emblemático para compreender a construção de um imaginário cinematográfico sobre o período que envolve a produção e a recepção do filme. Espera-se contribuir para a identificação de uma constelação de marcas a respeito das políticas de memória interpretando as representações que este filme deixa na cinematografia de nosso continente.

Mauricio de Bragança (UFF). *Narcocorridos na tela: fronteiras mexicanas no cinema e na literatura*

Nesta comunicação, pretendemos analisar as formas narrativas que migraram das letras do repertório musical dos narcocorridos para os filmes de narcotráfico, apontando para a importante presença de uma narcocultura no imaginário popular mexicano. Os narcocorridos descendem da tradição dos corridos, música muito popular em ambos os lados da fronteira. Grande parte destes corridos foi levada ao cinema e o que nos chama a atenção ao nos depararmos com estes títulos é não somente a referência aos delitos e crimes, mas também a presença de uma série de códigos associados ao universo dos filmes de ação. Esta comunicação pretende analisar esta produção do narcocine, tomando por base o diálogo entre as duas narrativas: as letras dos narcocorridos e sua adaptação para as telas.

Mediação: Elen Doppenschmitt

17h00, Auditório da Biblioteca

CONFERÊNCIA DE ABERTURA: O travelling como figura de estilo na comparação entre filmes mexicanos e brasileiros voltados para a representação da violência na história: 1946-2001, com Ismail Xavier (USP)

Estudo comparativo de seis filmes mexicanos e brasileiros tomados como paradigmas de um estilo de época: anos 1946-53 (clássico), anos 1964-71 (moderno) e anos 2000-01 (contemporâneo). Na análise do estilo, destaca-se como um procedimento - o travelling - e seu lugar na figuração da experiência social e dos conflitos políticos, quando se focaliza a Revolução Mexicana, a

figura do bandido social no sertão brasileiro ou a violência urbana no mundo contemporâneo

Mediação: Mateus Araújo

QUINTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO

9h00 – 10h45, Auditório da Biblioteca

MESA 7: Memória e gerações

Fernando Seliprandy (USP). Novos contornos da memória da resistência no documentário da segunda geração

Na última década, multiplicam-se na América do Sul os documentários voltados à memória das ditaduras desde uma perspectiva familiar. Principalmente na Argentina, no Chile e no Brasil, filhos, sobrinhos ou mesmo netos de ex-militantes de esquerda partem da intimidade em filmes que buscam elaborar a experiência histórica de luta da geração precedente. A hipótese é que vem se configurando um subgênero regional do documentário, cujo eixo é o olhar de segunda geração para o passado autoritário. Propõe-se que a distância entre as gerações é atravessada por uma rede de legados e resgates, afetos e ressentimentos, aproximações e afastamentos. Essa intrincada dinâmica vai conformando uma memória íntima e introspectiva das ditaduras sul-americanas. Nos contornos desse subgênero documental de “segunda geração”, qual é o lugar da ideia de resistência? O que se recusa e o que permanece do horizonte épico que guiava o engajamento passado e que, muitas vezes, ainda dá o tom da memória da resistência?

Marcela Parada Poblete (PUC Chile). La memoria de lo no vivido: El astuto mono Pinochet contra la moneda de los cerdos (Perut y Osnovikoff, 2004)

La dupla Bettina Perut e Iván Osnovikoff se ha caracterizado por poner en obra un cine provocador e incómodo, interrogando en sus realizaciones el discurso y la reflexión acerca del documental y los registros de lo real. En el tema de Memoria y Resistencia que nos convoca revisamos El astuto mono Pinochet contra la moneda de los cerdos (2004), documental que nos re-sitúa en los bordes históricos del 11 de septiembre de 1973 en Chile. El film registra el seguimiento de dinámicas de improvisación y creación colectiva de niños y jóvenes chilenos que, en la actualidad, reconstruyen dramáticamente la situación del Golpe de Estado. En el juego de memoria histórica y representación, de memoria colectiva y memoria de lo no vivido por los chicos en escena, El astuto mono... acciona el desajuste con el discurso hegemónico oficial. Estremeciendo el imaginario suspendido en la historia colectiva asistimos al temblor de un acontecimiento que se reactiva en el presente de una nueva generación.

María Celina Ibazeta (PUC RJ). Duelo y memoria en M de Nicolás Prividera e Diário de uma busca de Flavia Castro

M (2007) y Diário de uma busca (2010) son documentales realizados por hijos de militantes de los años setenta que indagan las causas y las circunstancias de la muerte de sus padres. Nicolás Prividera, en Argentina, y Flavia Castro, en Brasil, son los protagonistas de una búsqueda personal que los lleva a transitar por espacios institucionales y familiares a fin de encontrar pistas que ayuden a

reconstruir las historias de Marta Sierra y Celso Castro respectivamente. A pesar de sus diferentes recorridos, hay un punto que ambos comparten: la necesidad de pensar y reflexionar sobre la historia familiar/nacional en conversaciones frente a la cámara con sus hermanos. Esta estrategia reflexiva es innovadora dentro del corpus de documentales realizados por hijos de militantes políticos y nos sirve de punto de conexión para comparar la experiencia argentina y brasileña. Es ese espacio de interacción familiar cuyo discurso, no siempre homogéneo, el que analiza este artículo.

Mariarosaria Fabris (USP). À espreita dos adultos

Dentre as produções cinematográficas sobre os anos de chumbo na América Latina, gostaria de destacar alguns filmes de ficção e documentais que tiveram familiares de militantes políticos como narradores ou protagonistas. São narrativas em que, muitas vezes, a causa revolucionária dos adultos entra em contraste com a esfera afetiva dos mais jovens, cuja infância e/ou adolescência foi marcada pelas escolhas políticas destes; são relatos privados e públicos, ao mesmo tempo, porque enfocados, frequentemente, do ponto de vista de quem tem laços de parentesco com os personagens das histórias contadas. Desse modo, na abordagem dos filmes, o que me interessa salientar é esse olhar mais intimista, o qual, porém, não deixa de tangenciar a História, de interrogar-se insistente sobre ela.

Mediação: Mariana Villaça

9h00 – 10h45, Salão de Atos

MESA 8: Crítica e recepção cinematográfica

Eliska Altmann (UFRRJ). A crítica segundo a crítica latino-americana

“Talvez o desafio que o cinema agora propõe à crítica se encontre na aparente desnecessidade da crítica. Ela já não integra o espaço cinematográfico ou continua parte dele em outra forma, latente, ainda não revelada de todo” – a sentença proferida pelo crítico brasileiro José Carlos Avellar coincide com a afirmativa escrita por Terry Eagleton de que “à parte de sua função marginal de reproduzir as relações sociais dominantes, a crítica se acha quase que inteiramente privada de sua *raison d'être*”. Isto posto, o trabalho se baseia numa dupla análise: 1) no exame de discursos sobre o campo da crítica por autores das ciências humanas, que o analisam a partir de sua construção e institucionalização assim como de sua (suposta) desnecessidade; 2) um mapeamento sociológico do campo da crítica latino-americana, de modo a verificar como o mesmo é constituído por seus próprios agentes. Para tanto, utilizaremos como fonte primária entrevistas, frutos de uma pesquisa realizada ao longo de sete anos, em quatro países: Argentina, Brasil, Cuba e México.

Thays Salva (UNIFESP). O espectador em Whisky: entre o popular e o erudito
 Trata-se de debater a questão do espectador na América Latina e sua relação com as categorias culturais de popular e erudito a partir do filme Whisky (Pablo Stoll e Juan Pablo Rebella, Uruguai, 2004), no que a análise proposta baseou-se em dois importantes estudos sobre o assunto: Dialética do espectador (1982), do renomado cineasta cubano Tomás Gutiérrez Alea, e O espectador emancipado (2008), do filósofo francês Jacques Rancière. De modo geral, ambos abordam a questão do espectador não apenas sob a perspectiva de uma

arte política, como também – em especial – de uma política da arte, mas cada qual a seu modo e em seu tempo, no que é importante considerar a posição do primeiro como artista-produtor e do segundo como intelectual. Neste sentido, o trabalho apresenta algumas considerações presentes em ambos os estudos para, em seguida, mostrar como o filme de Stoll e Rebella pode ser percebido a partir do que é exposto sobre a figura do espectador.

Pedro Plaza Pinto (UFPR). As tarefas do crítico e os desafios do intelectual: um relato sobre Paulo Emilio Salles Gomes durante a mais recente ditadura brasileira

A proposta deste estudo é seguir o fio da presença e do trabalho do crítico Paulo Emilio Salles Gomes com o objetivo de propor questões sobre as tarefas de um intelectual no período do recente regime ditatorial. A persistência de velhos problemas do cinema local relativizam a ideia de novos tempos no trecho de vida enfocado, mas o correr dos anos aponta para formas de violência institucionalizada que terão a atenção do professor e especialista em cinema. O trabalho de professor se adensa no final da década de 1960, ao passo em que pesquisa para a sua monografia sobre Humberto Mauro. Em seguida, a sua postura na coluna no Jornal da Tarde (1973) e na equipe de redação da revista Argumento (1973-74) pode ser caracterizada como tentativa de agregação em torno da ação de resistência, indicando um tipo de atitude que promoverá a contestação do regime nos anos posteriores. A proposta deste escrito é contextualizar os materiais que moldaram a participação política do crítico na década de 1970.

Mediação: Thays Salva

11h00 – 12h45, Auditório da Biblioteca

MESA 9: Espaço urbano e desigualdade social

Letizia Osório Nicoli (UNICAMP). Meninos invisíveis - a figura do menor nos documentários A escola de 40 mil ruas e Wilsinho Galileia, de João Batista de Andrade

O presente artigo revisita dois documentários de João Batista de Andrade para o programa Globo Repórter, centrados na temática do menor: A escola de 40 mil ruas (1974) e Wilsinho Galileia (1975). Através da contextualização histórica do termo menor, busca-se perceber as conexões entre as asserções do diretor e os discursos e as práticas institucionais da época, que não atribuíam a esses indivíduos um lugar na sociedade. Pretende-se ressaltar, assim, a importância dos dois documentários em sua proposta de trazer para a televisão, espaço dominado pelo discurso institucional, o debate sobre as obrigações do Estado com essas crianças negligenciadas.

Marília Bilemjian Goulart (USP). Narrativas (extra)carcerárias: Massacre do Carandiru e Ataques do PCC através das reverberações em diferentes mídias Outubro de 1992. Segundo dados extraoficiais, pelo menos 300 detentos foram executados na maior casa de detenção da América Latina, o Carandiru. Maio de 2006. Às vésperas do Dia das Mães é iniciada uma onda de ataques contra coletivos, agências bancárias e forças de Segurança e do Sistema Penitenciário do Estado de São Paulo. Além da enorme e intensa dimensão midiática, Massacre do Carandiru e Ataques do PCC reverberaram também em uma série

de canções e produções audiovisuais. Ao lado das músicas 19 Rebellions (Asian Dub Foundation), Manifest (Sepultura) e Diário de um detento (Racionais MCs), os filmes Carandiru (Hector Babenco, 2003) e Prisioneiro da grade de ferro (Paulo Sacramento, 2004) apontam diferentes abordagens da população carcerária, do presídio e enfim, do Massacre. Fora do cárcere, os Ataques de Maio de 2006 ensejaram distintas narrativas em Inversão (Edu Felistoque, 2010), Salve geral (Sérgio Rezende, 2009) e Inquilinos (Sérgio Bianchi, 2009). Como veremos, em cada filme os ataques aparecem de múltiplas formas e contribuem para a construção de diferentes São Paulo(s) nas telas. A partir da teia formada pelas interlocuções midiáticas, essa apresentação discutirá as repercussões dos eventos e os significados produzidos por elas. As diferentes narrativas colocam em pauta questões estéticas e também políticas ao abordarem a contundente temática da violência urbana e ao conferirem visibilidade (e em alguns casos voz) à oculta população carcerária.

Ana Daniela de Souza Gillone (USP). Estética e política do filme *Esse amor que nos consome*

Trata-se de analisar o modo com que o filme *Esse amor que nos consome* (Allan Ribeiro, 2013) tensiona sua política entre enquadramentos considerados realistas e formalistas. Ao narrar o cotidiano de uma companhia de dança contemporânea que passa a ocupar um casarão, o filme ressignifica a história dos atores que na vida real se dedicam à mesma companhia. Nesta fusão entre realidade e enquadramento ficcional, o filme interrelaciona o real e a representação, desde sua concepção: da seleção das personagens, que são atores e dirigentes reais da companhia, à locação que poderia ser ocupada para a produção de um filme. Entre supostas formas de documentar e ficcionar dada realidade, a narrativa deu visibilidade a temas caros dos chamados cinemas de arte e político. Dança contemporânea, cultura negra, homossexualidade, marginalidade, especulação imobiliária e a necessidade de ocupação da cidade pelo povo são alguns dos elementos estruturantes de sua política. Mas é justamente entre os temas arte e política em que o filme se desenvolve que ele se torna ambíguo em sua objetividade política. Propõe-se, então, examinar os procedimentos estéticos e retóricos que estruturam a política do filme relacionada ao realismo.

Raul Lemos Arthuso (USP). *Brasília, alegoria do nosso desenvolvimento*
 O trabalho “*Brasília, alegoria do nosso desenvolvimento*” aborda os dois longas-metragens do cineasta Adirley Queirós - *A cidade é uma só?* (2011) e *Branco sai, preto fica* (2014) - a partir das tensões entre centro e periferia em Brasília. Nos filmes de Adirley Queirós, a capital é uma alegoria do desenvolvimento desigual da sociedade brasileira. Então, esses dois filmes se colocam numa missão de afirmação da identidade e de uma “sensibilidade de periferia”, moldando as narrativas a partir da vivência das personagens, moradores da Ceilândia, cidade-satélite do Distrito Federal. Nos dois filmes convergem história, política e questões sociais que compõem um imaginário filmico muito particular, rediscutindo o processo de exclusão das metrópoles brasileiras e seu reflexo na vida das populações de periferia.

Mediação: Lúcia Monteiro

11h00 – 12h45, Salão de Atos

MESA 10: Expansão do meio - cinema como Arte Contemporânea

Annádia Leite Brito (UFC). O cinema é meu playground: sobrevivência das imagens e emancipação do espectador

A Ex-posição O cinema é meu playground (Solon Ribeiro, 2013) é analisada tendo em vista a sobrevivência de seus fotogramas deslocados do cinema clássico e a potência de emancipação ao reconhecer o espectador como igual. Através da teoria de Georges Didi-Huberman, suscitada pelos vaga-lumes de Pier Paolo Pasolini, é possível pensar nos fotogramas como imagens pregnantes de tempos múltiplos, que se evidenciam por meio de processos de montagem. Esta experiência, vivenciada pelo espectador, se dá na penumbra do contemporâneo, como visto em Giorgio Agamben. Dessa forma, o espectador é reconhecido como parte importante na obra, em estado igual ao artista. Ambos são responsáveis pela quebra e constante feitura de uma linguagem ainda não consolidada. Para tanto, recorre-se à teoria de Jacques Rancière ao trazer a figura do espectador emancipado e do regime estético da arte. O trabalho de Solon Ribeiro faz as cinzas das imagens voltarem a arder em meio à escuridão do contemporâneo.

Beatriz Morgado (UFRJ). Hélio Oiticica: cinema subterrâneo

Nos anos 1970, o artista Hélio Oiticica (1937-1980) liberou o cinema da tela de projeção, confirmando a transformação do espectador em participador já concretizada pelo deslocamento da pintura do quadro para o espaço tridimensional em seus “parangolés”, uma década antes. Este trabalho investiga contribuições do artista ao campo do cinema, priorizando o período vivido em Nova Iorque (1971-1978) ao incorporar a imagem cinematográfica a seu campus experimental. Apoiados na abordagem da “hermenêutica do artista” de Ricardo Basbaum, consideramos Oiticica autor de sua própria vida-obra, compreendendo os textos desse artista como efeito-veículo dessa construção de si. Indagaremos como este artista se inventou como um proposito do campo do cinema por meio da negação desta categoria. Por meio do conceito “não-narração”, formulado e vivenciado por Oiticica, pesquisaremos de que forma ele transforma o cinema em instrumento experimental aberto à invenção, recusando o código narrativo.

Camila Vieira da Silva (UFRJ). Criar um rosto é forjar uma ausência: retrato, artifício e apagamento

De que modo é possível pensar a relação entre retrato e apagamento de si durante a captura da imagem de um rosto por uma câmera de cinema? Este trabalho procura investigar o rosto como lugar do artifício, da exterioridade e do anonimato em dois projetos artísticos: os screen tests com Ann Buchanan e Freddy Herko, realizados em 1964 por Andy Warhol; e o curta-metragem *Camila*, agora (2013), do curitibano Adriel Nizer Silva. Nos dois casos, dar ou criar um rosto pressupõe a desfiguração de um possível original. Trata-se de inventar uma máscara e desconstruir uma identidade. A autobiografia pelo retrato pode forjar uma ausência? No atravessamento entre cinema e artes visuais, quais as estratégias de produção de imagem nestes dois projetos artísticos que apontam para uma resistência aos modos banais da representação de si?

Mediação: Thays Salva

14h30 – 16h15, Auditório da Biblioteca

MESA 11: Estratégias narrativas, estratégias políticas

Carla Daniela Rabelo Rodrigues e Carlos Fernando Elías Llano (USP). Cinema peruano: estéticas da exploração em Altiplano

O artigo analisa o filme *Altiplano* (2009) e suas abordagens temática e estética sobre a dura realidade dos habitantes de uma comunidade próxima à cidade de Turubamba (Peru). Eles sofrem com a exploração da terra e também social. Essa exploração está relacionada às minas de mercúrio instaladas na região que geram contaminações e consequentemente reivindicações sociais. Combina um universo onírico, tanto visual quanto sonoro, com uma concepção ocidental de mundo para discutir desenvolvimento industrial voraz, capitalismo, exploração de recursos naturais e políticas sociais.

Mônica Brincalepe Campo (UFU). Albertina Carri e a crítica à violência em sociedade

Na obra de Albertina Carri é incisivo seu olhar a relacionar a violência e as instituições sociais, e especificamente, a crise da família patriarcal. Nesta comunicação analiso a crítica ao patriarcalismo e a relação com a violência, investigo na filmografia de Carri a temática da opressão e os recursos estéticos de que a cineasta se vale para expressar esta situação em sociedade. A utilização de recursos do documentário no estabelecimento do diálogo com o “real”, mas também, de recursos da animação – portanto, em diálogo direto com os limites das narrativas do real e em viés ficcional – tem sido o destaque característico de sua produção. Enfim, procuro observar o específico de sua elaboração como também compreender se é possível questionar esta representação com base nos ensaios políticos de Hannah Arendt.

Yanet Aguilera (UNIFESP). Del olvido al no me acuerdo e a análise fílmica
Embora o hibridismo cultural faça parte de quase todo o cinema da América Latina, poucos trabalhos tomam este viés em suas análises. Não considerar a lógica do ponto de vista das culturas nativas tem deixado a crítica de nosso cinema muito aquém do que é proposto pelos filmes. Um esforço por parte dos estudiosos de sair dos esquemas usados pela crítica europeia – que divide as obras cinematográficas em clássica e moderna – ainda está por ser construída. No caso do filme do Juan Rulfo sobre seu pai, não pensar nas referências às culturas nativas mexicanas que influenciaram a literatura do escritor mexicano é deixar de fora os aspectos mais importante do filme. Trata-se de colocar esta perspectiva na análise que me proponho a fazer Del olvido al no me acuerdo.

Mediação: Yanet Aguilera

14h30 – 16h15, Salão de Atos

MESA 12: Interpretações de procedimentos estéticos e formais

Fábio Camarneiro (UFES-USP). Traduzir a tradição: "poética de emulação" em Machado de Assis e Júlio Bressane

Em Machado de Assis: por uma poética da emulação, João Cézar Castro Rocha aponta para a maneira particular como Machado de Assis relê a tradição da literatura universal a partir da técnica da emulação. O cineasta carioca Júlio Bressane, que baseou dois longas-metragens em obras de Machado de Assis,

utiliza, no contexto do cinema, procedimentos que podem ser relacionados com a emulatio machadiana. Brás Cubas (1985), para além de uma adaptação dos entrechos narrativos do livro, lida com a (im)possibilidade de traduzir os elementos centrais do “estilo” de Machado para o cinema, ou seja, tentar filmar de maneira similar a como escreve o narrador do livro – “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” Bressane pode ser classificado como um cineasta da emulatio, uma vez que relê a tradição (seja ela literária, pictórica ou cinematográfica) a partir da cidade do Rio de Janeiro, recolocando em nova chave questões sobre a identidade nacional e as relações entre centro e periferia.

Renato Cunha (UnB). Ambiguidades circulares: identidade, espaço e tempo na cinematização de *Estorvo*

A partir de uma resenha do crítico Augusto Massi, que identifica a presença de três ambiguidades em *Estorvo*, primeiro romance de Chico Buarque, este artigo discorre sobre o processo de cinematização realizado por Ruy Guerra. Portanto, esses três aspectos ambíguos – identidade, espaço e tempo — são relacionados literária e cinematograficamente com o intuito de revelar como o diretor captou a essencialidade deles e os transportou de modo inusitado e eficaz para a narrativa filmica, construindo propositadamente a ideia de um mundo turvo.

Miriam Viviana Gárate (UNICAMP). Os "latinos" viajam à Meca do cinema

A presença de relatos que se organizam em torno ao motivo da viagem a Hollywood é um dado significativo das letras latino-americanas dos anos 1920-1930, que corre paralelo à expansão da cinematografia estadunidense em escala planetária. *Una aventura de amor* (1918), *Miss Dorothy Phillips, mi esposa* (1919), *Che Ferrati, inventor* (1923) e *Hollywood, novela da vida real* (1932) constituem exemplos a serem analisados. Para tanto, serão levados em conta os seguintes aspectos: o desvendamento das regras que vigoram nos grandes estúdios; o retrato de “tipos” que se consolidam por esses anos; a relação mimética das personagens com o cinema em diversos âmbitos; o vínculo afetivo espectador-estrela; o tema do dublê; a imbricação crítica cinematográfica/ficção literária; a utilização de procedimentos tendentes a conferir à escrita uma estrutura e um dinamismo cinematográficos.

Rosângela Canassa (UNESP). Do livro ao filme: O beijo da mulher aranha e a participação imaginária do espectador de cinema

O filme narra a história de dois prisioneiros encarcerados numa prisão da América do Sul. Valentim e Molina foram presos por motivos distintos, mas a dor do encarceramento os une e acaba se transformando numa grande amizade. Valentin é um preso político e Molina é usado pela polícia para passar informações secretas de seu parceiro de cela. Molina contribui com os militares em troca de sua saída da cadeira. Por meio de truques como uma aranha tecendo a sua teia para uma armadilha, Molina envolve-o com mimos, boa comida e também narrando histórias sobre filmes que ele inventa, como daquela francesa envolvida numa trama de espionagem nazista, a mulher aranha. Ele se apaixona pelo amigo de cela e a dúvida é até quando Molina conseguirá traí-lo repassando as informações secretas de Valentin à polícia? Quando se trata de uma transposição de um texto literário para o filmico, como fica o olhar deste espectador que percebe a obra acabada?

Mediação: Elen Doppenschmitt

17h00, Auditório da Biblioteca

SESSÃO PLENÁRIA: Os cinemas de Argentina, Brasil e México

Rubens Luís Ribeiro Machado Jr. (USP). Os recalques da vocação moderna no cinema brasileiro dos anos 1960

O impacto proporcionado pelo filme *O bandido da luz vermelha*, de Rogério Sganzerla, exprime no final de 1968 contradições centrais da vida brasileira que se foram acumulando durante toda a década que o antecede. A explicação só cinéfila deixaria muito a desejar, mesmo quando cultivada do debate brasileiro do Moderno e do Tropicalismo: - Uma deglutição antropófaga de Godard, Welles, do policial B estadunidense - a par do próprio Cinema Novo (do qual, aliás, deriva), do cinema "sério" paulista, a que o Sganzerla crítico havia chamado de "expressionismo caipira", ou o não-sério de Carbonari, a Chanchada etc. O fato é que também se manifesta em seu timbre espalhafatoso uma pobre TV nascente, a inspiração tonificante do rádio, a imprensa popular, os quadrinhos, todo um universo mediático que se mimetizará em novidade, na sua fórmula impactante. Neste quadro, o filme se dispõe como divisor de águas na história do filme nacional, sugerindo qualquer coisa como um cinema pré e um pós mídia.

Álvaro Vázquez Mantecón (Universidad Autónoma Metropolitana - Azcapotzalco, México). El 68 en el imaginario cinematográfico mexicano

En el presente trabajo se hará una valoración sobre cómo el registro del movimiento estudiantil de 1968 en el cine se convirtió en un detonador del cine militante en México y permitió su vinculación con el Nuevo Cine Latinoamericano. Veremos también como la representación de ese evento histórico en las películas constituyó un tropo visual que encarnaba un imaginario de resistencia. En contra del silencio generado por el régimen en torno al evento, algunos realizadores se obstinaron en la construcción de imágenes que apuntaran hacia el ejercicio de una memoria que apuntaba hacia la demanda de cambios políticos y sociales.

Eduardo Russo (Universidad Nacional de La Plata - Argentina). Materia, memoria y sombra. Dinámicas intermediales, poéticas de pasajes y mutaciones del espectador en las instalaciones fílmicas de Andrés Denegri

El conjunto de instalaciones fílmicas del artista audiovisual Andrés Denegri representan en la escena de las artes audiovisuales un hito en varios aspectos. Se trata de la primera oportunidad en la Argentina en que una exhibición íntegra utiliza el dispositivo cinematográfico en extensión, a lo largo de diversos soportes y tecnologías, que abarcan desde los formatos propios del cine familiar hasta el profesional standard de 35 mm. A la vez de interrogar desde la tecnología la historia del cine desde sus comienzos hasta un contexto postcinematográfico, las instalaciones, cuya configuración corpórea proponen también un diálogo inusual entre cine y escultura, proponen explorar las zonas oscuras de la historia argentina en el siglo veinte. Convirtiendo el espacio exhibutivo en cámara oscura, indagando los diversos sentidos del concepto de proyección, estas piezas ponen en acto un pensamiento sobre la materialidad cinematográfica, su huella y los estados posibles de un espectador en tránsito.

Mediação: Estevão de Pinho Garcia

SEXTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO

9h00 – 10h45, Auditório da Biblioteca

MESA 13: Memória, testemunho e subjetividade

Érica Faleiro Rodrigues (University of London). Lúcia Murat: o pessoal é político - o cinema e a história na primeira pessoa

Pretende-se investigar a obra da cineasta brasileira Lúcia Murat e, através desta, as repercussões de um cinema que revê um momento político recente de extrema violência na história do Brasil. Presa e torturada durante a ditadura, Lúcia Murat realizou, nas últimas três décadas, vários filmes que se debruçam sobre este período traumático da história brasileira, através das revisitação das cicatrizes da sua própria história pessoal. Esta análise pretende contextualizar a originalidade e o relevo do trabalho da cineasta numa perspectiva alargada, mostrando a sua profunda relevância internacional, nas diferenças e semelhanças com o trabalho de outros cineastas que se focam na memória e na histórica recente. O que se pretende averiguar é o papel do cinema como construtor de memórias colectivas, e como o uso de semânticas aparentemente diferentes como o documentário, a ficção e as artes visuais, pode construir a memória visual da realidade histórica recente.

Maria Noemi Araújo (Escola Brasileira de Psicanálise). O cinema como testemunho

Envolvendo corpos afetados por violências cometidas pelo Estado, filmes brasileiros recentes trazem a ideia de Testemunho como certa possibilidade de elaboração do trauma. A psicanálise, assim como a arte, e cada uma a seu modo, apresentam alternativas para que o sujeito saia do silêncio, dando outro destino para a sua dor. Assim, a palavra e a criação de diferentes objetos possibilitam a cada sujeito o enfrentamento, a organização e a simbolização do trauma. O conceito freudiano de repetição nos permitirá discutir os filmes *Elena* (Petra Costa, 2013) e *Os dias com ele* (Maria Clara Escobar, 2013) como testemunho de algo da dor, do luto e dos efeitos do trauma produzidos pela Ditadura brasileira. Ao dialogar com as obras dos cineastas Coutinho, Murat e Tapajós, esses filmes ganham estatuto de Testemunho, tal como elaborado por Primo Levi após a Segunda Guerra.

Angelita Bogado (UFBA). O papel da dramaturgia na representação da memória no documentário *Os dias com ele*

O documentário mais recente tem privilegiado as histórias de si. O Eu contemporâneo tem encontrado diversas formas de habitar a escrita cinematográfica com a intenção, muitas vezes, de reencontrar e redesenhar o passado. Buscaremos compreender a relação entre passado e presente, ausência e permanência a partir das memórias de si na obra documental contemporânea. O filme selecionado para este estudo é *Os dias com ele* de Maria Clara Escobar (2013). A diretora mergulha no passado quase desconhecido de seu pai, Carlos Henrique Escobar, um intelectual e dramaturgo brasileiro, preso e torturado durante a ditadura militar. Pretendemos demonstrar o papel da dramaturgia na representação dessa história fraturada pelo tempo e

pela memória. A encenação se apresenta como única possibilidade de representar o jogo memorialístico entre pai e filha. O obstáculo, imposto pelos desvios do tempo e da memória, não se apresenta como um mero adorno, mas sim como um momento extremamente produtivo para a linguagem artística. É nesse movimento de construção e destruição, rememoração e esquecimento que a narrativa de si ergue suas ruínas.

Lúcia Monteiro (Paris 3). *O falso testemunho e a busca pelo desaparecido: Um tigre de papel, de Luis Ospina (2007)*

Com base em depoimentos de cineastas, artistas e intelectuais, *Um tigre de papel* (2007), do cineasta colombiano Luis Ospina, procura reconstituir o percurso de Pedro Manrique Figueroa que, ex-militante político, ex-hippie, ex-místico, ex-prisioneiro político, desapareceu em 1981, naquele que teria sido seu maior gesto artístico. Formalmente assimilado ao que Jean-Claude Bernardet define como “documentários de busca”, *Um Tigre de papel* é na realidade um falso documentário – um “mockumentary” ou um “documentário que revela verdades”, de acordo com a expressão de François Niney. O material de arquivo reunido pelo filme é extenso, mas nenhuma imagem revela aquele que seria o rosto do personagem, de modo que seu desaparecimento é efetivo no filme. Ao valer-se do método da colagem, a montagem cria um filme híbrido que questiona a narração histórica e, ao mesmo tempo, interpela a categoria dos documentários de busca.

Mediação: Lúcia Monteiro

9h00 – 10h45, Salão de Atos

MESA 14: Políticas de fomento ao audiovisual na América Latina

Helyenay Souza Araújo (PUC RJ). Uma proposta de análise do programa Ibermedia a partir dos filmes brasileiros coproduzidos com apoio do fundo entre 2003 e 2013

O fomento à produção cinematográfica em regime de coprodução não é mais novidade e, desde meados da década de 1990, este modelo de realização filmica tem sido sistematizado de forma mais consistente entre os países do espaço ibero-americano através do Programa Ibermedia. Apesar das controvérsias sobre seu funcionamento, este programa tem tentado cumprir o papel de promover um espaço de interação audiovisual na Iberoamérica, através de ações sinérgicas que busquem alavancar as indústrias cinematográficas da região, tão subordinadas à hegemonia norte-americana no setor. Este artigo tem por objetivo apresentar minha proposta de pesquisa de doutorado que se debruça sobre este tema. O que proponho em meus estudos é buscar avaliar a relação investimento/retorno das coproduções realizadas pelo Ibermedia nos seus últimos dez anos (2003-2013), a partir do estudo de caso das 32 coproduções brasileiras realizadas com apoio do fundo durante esse período. Algumas dessas coproduções foram distribuídas com êxito e alcançaram relativo sucesso de público no Brasil e no exterior.

Rosângela Fachel de Medeiros (UFRGS). *Cinemas mercosulinos: políticas culturais, desglobalização e identidades*

Os mais de vinte anos de existência do MERCOSUL e os, recentemente comemorados, dez anos de atuação da “Reunião Especializada de Autoridades

Cinematográficas e Audiovisuais do MERCOSUL" (RECAM) configuram um momento significativo e simbólico para a discussão da importância dos Cinemas Mercosulinos na configuração das identidades culturais da região e para a reflexão acerca dos objetivos, das dificuldades, das conquistas e do porvir destes Cinemas e das Políticas Culturais para o setor. Analisando o potencial do MERCOSUL, para além de entidade política e econômica, em seu potencial de representação cultural como algo que produz sentidos, como uma comunidade simbólica. Esta comunicação apresentará uma breve contextualização das principais questões envolvidas na produção cinematográfica mercosulina: a integração regional; as Políticas Culturais para o setor; a opção pela coprodução; as principais dificuldades do setor e a tensão com a hegemonia hollywoodiana; as quais baseiam e norteiam os objetivos de pesquisa e de atuação acadêmica propostos.

Karla Holanda (UFJF). A estética nos filmes do DocTV

O DocTV foi um programa do governo federal que fomentou a produção de documentários no Brasil de maneira descentralizada, garantindo a seleção de projetos em todos os estados do país. O Programa, que funcionou entre 2003 e 2010, tinha a preocupação estética à frente do pensamento que orientou suas diretrizes, subvertendo o caminho mais tradicional das expectativas em torno do documentário que, quando submetidos a editais de fomento, o mais comum é que se exijam dos projetos ampla explanação sobre seu tema, deixando-se em segundo plano descrições sobre aspectos formais. Tanto as oficinas que os realizadores selecionados deveriam frequentar quanto o regulamento do Programa induziam a uma consciência do pensamento estético contemporâneo. Com isso, pretendia-se evitar o convencionalismo nos formatos dos filmes, muitas vezes inspirados nos tradicionais modelos telejornalísticos. Mas, afinal, o que orienta a necessidade dos realizadores com realidades tão diferentes?

Mediação: Rosângela Fachel

11h00 – 12h45, Auditório da Biblioteca

MESA 15: Cinema político das décadas de 1960 e 1970

Cristina Alvares Beskow (USP). A influência de Frantz Fanon nos manifestos "Estética da Fome" e "Hacia un tercer cine"

Este trabalho tem por objetivo discutir a presença das idéias da obra Os condenados da terra, de Frantz Fanon, em dois manifestos de cineastas que participaram do Nuevo Cine Latinoamericano. O livro, de 1961, que exerceu grande influência sobre a intelectualidade de esquerda do período, aborda a libertação nacional e a descolonização cultural nos países de "terceiro mundo". Dentre os cineastas influenciados, destacaremos Glauber Rocha e o manifesto "Estética da fome" (1965); e Fernando Solanas e Octavio Getino e o manifesto "Hacia un tercer cine" (1969). Em ambos os casos, as ideias de Fanon são parafraseadas e/ou citadas em defesa de um cinema revolucionário.

Guilherme Maggi Savioli (USP). Sem essa, Aranha! e a questão da cultura
Tomando como base algumas ideias contidas no texto "A questão da cultura", de Rogério Sganzerla, o presente estudo buscará compreender como algumas delas se refletem concretamente, em um filme realizado em uma situação emergencial pelo diretor, Sem essa, Aranha!. Nesse sentido, o eixo principal a

servir como guia será o ataque frontal que Sganzerla faz à própria ideia de cultura, associando-a como criação de uma classe social dominante, no caso a mesma que oprime intelectualmente o povo subdesenvolvido. Seu principal conceito no texto, que resume toda essa ideia ofensiva, é o de incêndio universal das formas. Assim, buscar-se-á através desse estudo analisar como o diretor, através de uma série de procedimentos, instaura uma espécie de regime de instabilidade nas representações, almejando uma forma revolucionária, que não só rompe (ou no caso, incendeia) com alguns procedimentos culturalistas e conciliadores de representação – os quais ele identifica com alguns filmes e com a política dos cinemanovistas de então – como também propõe uma nova forma de se olhar (e superar) a condição do colonizado.

Pablo da Cunha (UNICAMP). Leon Hirszman e o registro da memória da criação: análise do processo de gênese e da representação do operário em Pedreira de São Diogo (1962)

Esta proposta de apresentação busca realizar uma reflexão sobre o processo de criação filmica e a representação do operário em Pedreira de São Diogo (1962), do cineasta Leon Hirszman (1937-1987). Utilizando-se dos estudos acadêmicos da Crítica Genética, a pesquisa, sobre este percurso criativo, deu-se a partir da investigação dos arquivos do filme e do diretor, acessíveis, principalmente, na Cinemateca Brasileira (SP) e no Arquivo Edgard Leuenroth – AEL, da Universidade Estadual de Campinas. Analisando as interseções e os paralelos entre os documentos e o filme, o estudo refletiu acerca da(s)representação(ões) do operário e de que forma Hirszman pretendia utilizá-la(s), por meio de sua produção, como forma de conscientização crítica e, consequentemente, mobilização dos trabalhadores.

Mediação: Cristina Beskow

11h00 – 12h45, Salão de Atos

MESA 16: Cinemas novos e novos cinemas - construindo ideias de América Latina

Cristina de Branco (Universidade Nova de Lisboa). Aproximação ao real maravilhoso no cinema latino-americano contemporâneo

A ideia de América Latina foi inventada e segue sendo continuamente reinventada por várias frentes de agentes institucionais, comunitários e individuais, as indústrias culturais e as academias nacionais e estrangeiras, estratégias sócio-políticas internas e externas, pelas produções culturais locais e por cada latino-americano. Uma das vias de recriação do imaginário do continente surge desde as Crônicas da Índia, de Bartolomé de las Casas à Pero Vaz de Caminha, até aos dias de hoje, passando pelo Realismo Mágico literário de Alejo Carpentier, Miguel Angel Asturias e Gabriel García Márquez, entre outros. O real maravilhoso caracteriza-se, seja na literatura, como no cinema, por algumas particularidades estéticas: o envolvimento de um elemento estranho à uma realidade comum e sua progressiva normalização, ausência de identificação cronológica e espacial, preponderância do tempo circular, construção simbólica dos espaços como indicadores da curva dramática, temática geral predominantemente relacionada com a mestiçagem, o sincretismo e o isolamento. Alguns títulos do cinema latino-americano produzido na última década trazem alguns dispositivos estéticos do real maravilhoso na

sua concepção cinematográfica, reinventando o ideário e imaginário sobre a América Latina como espaço geográfico-cultural aonde a metamorfose do mágico com a normalidade se torna realidade, onde tudo se mistura e se ressignifica.

Maria Alzoguir Gutierrez (USP). Um "momento crítico de consciência latino-americana": o cinema moderno da América Latina e as letras

Este trabalho se trata da busca por compreender a articulação do cinema moderno da América Latina com a literatura que lhe era contemporânea e a tradição letrada latino-americana na construção de um projeto nacional-continental. Para isto, partiremos de três exemplos fílmicos: *Cabezas cortadas* (Glauber Rocha, 1970), *Una pelea cubana contra los demonios* (Tomás Gutiérrez Alea, 1971) e *La nación clandestina* (Jorge Sanjinés, 1989).

Teresa Midori Takeuchi (UNESP). *Vidas secas*: cinema, figurino e literatura
O objeto de análise deste texto é o filme *Vidas Secas* (1963) do diretor Nelson Pereira dos Santos (1938), que será permeado por meio de comparações entre o figurino do filme e a intertextualidade com o texto literário, focando a figura do sertanejo. Este personagem sempre serviu de pano de fundo para falar de questões locais e ao mesmo tempo universais na linguagem do cinema e da literatura. Tais questões fomentam a discussão estética no imaginário popular e o erudito, desde quando se podia falar de cinema brasileiro em busca de uma identidade própria. Nesse sentido, a relação que discute a articulação entre uma linguagem a outra é pautada na comparação entre a estética cinematográfica proposta no cinema novo e o diálogo com outras linguagens, tais como as artes visuais e a literatura, promotores estes de leituras sociais, históricas e culturais.

Mediação: Elen Doppenschmitt

14h30 – 16h15, Auditório da Biblioteca

MESA 17: Memória latino-americana e repressão política

Adriana Rodrigues Novais (UNICAMP). "Pra frente amigos" ou "Ação Brasil": cinema e memória da ditadura civil-militar no Brasil para pensar o presente

Este trabalho tem como propósito discutir a memória e a representação da ditadura civil-militar no cinema brasileiro, especificamente a partir dos filmes *Pra frente Brasil* (Roberto Farias, 1982) e *Ação entre amigos* (Beto Brant, 1998). Entendo que a memória dos "vencidos" não circula na esfera pública de modo completo, sobretudo daqueles que resistiram diretamente à ditadura civil-militar e de todos os sujeitos que viveram essas duas décadas e tiveram suas vidas afetadas diretamente pela nova forma de organização econômica e política que se instaurou a partir de 1964. Ao analisar os dois filmes, procuro problematizar o tipo de memória que essas obras construíram. Com isso, pretendo evidenciar a importância da superação do passado ditatorial, posto que urge interromper a violência que se repete incessantemente nos dias atuais. Nos filmes analisados, a violência aparece como específica de uma ditadura militar. Porém, preocupa-me também a continuidade dessa violência na democracia como resposta a qualquer manifestação política que venha a questionar a ordem estabelecida. Assim, este trabalho pretende ser uma reflexão sobre a memória da ditadura num contexto importante, no qual experimentamos a atuação da Comissão Nacional da Verdade.

Luís Martins Villaça (USP). Nostalgia da luz e o ensaísmo de Patricio Guzmán
 Este iminente projeto de pesquisa tem como objetivo final analisar o filme Nostalgia da luz (Chile, 2010), do documentarista Patrício Guzmán, sob a óptica daquilo que se pode definir como filme ensaio. Para tal empreendimento, serão considerados ainda os filmes A batalha do Chile (1975) e Chile, a memória obstinada (1995), do mesmo diretor, como corpus de pesquisa complementar. A partir da análise de Nostalgia da luz, pretendemos identificar os possíveis elementos de ensaísmo que o constituem perante a trajetória de realização dos outros filmes que compõem o corpus.

Vanderlei Henrique Mastropaulo (USP). La Patagonia rebelde: cinema de gênero, cinema político

O objetivo deste artigo é apresentar o contexto político da Argentina no período de produção do filme La Patagonia rebelde (Héctor Olivera, 1974), baseado no livro Los vengadores de la Patagonia trágica, escrito pelo jornalista Osvaldo Bayer. O país passava por um período político bastante singular, com a volta de Juan Domingo Perón de seu exílio na Espanha e com o fim dos duros anos de repressão da Revolução Argentina (1966-1973). Neste momento, a produção de filmes de conteúdo político no país foi considerável, e muitos deles são clássicos obrigatórios desta cinematografia de destaque na América Latina.

Mediação: Alexsandro de Sousa e Silva

14h30 – 16h15, Salão de Atos

MESA 18: Poéticas da produção de imagens e hibridização dos meios no cinema

Danusa Depes Portas (PUC RJ). Oscar Muñoz y el rumor de una imagen que se des-pliega

A crescente tendência nos estudos dos meios de comunicação pela dimensão transnacional do tráfico e a produção de imagens acompanham o deslocamento da imagem ao centro dos debates sobre o papel da representação nas culturas globais contemporâneas. Estas questões poderiam cumprir-se em dois problemas-chaves fundamentais, nos assinala Eduardo Cadava (2013): a hibridação dos campos disciplinares da fotografia, o cinema, a literatura, a arte em um contexto internacional; a relação entre a imagem e o arquivo, com respeito à memória, a história, a justiça. No horizonte destes problemas, através de alguns apontamentos, o objetivo deste trabalho será distinguir o papel constitutivo das sobrevivências na dinâmica da imaginação ocidental e as funções políticas dos agenciamentos memorialísticos dos que se revelam portadores, valendo-se da empresa do artista visual colombiano Oscar Muñoz como intercessor.

Fábio de Freitas Leal (UNESP). A presença do barroco no cinema – aspectos visuais e narrativos

Na evolução do cinema como linguagem é possível observar relações que se estreitam com expressões artísticas já consagradas, como a música, o teatro, a literatura, a pintura etc. Em parte isso se dá para legitimar o cinema como arte, porém, nesta busca, é possível que a relação ocorra de forma superficial. Não é pretendido neste texto avaliar obras que usam referências de pinturas

levianamente e sim investigar produções que dialogam com o que é intrínseco ao barroco, tendo como recorte produções dos anos 1960 e 1970. Este artigo também abordará a questão da sobrevivência do barroco, que carregou por séculos o estigma de bizarro e decadente, para melhor entendimento de uma influência no cinema e consequentemente na contemporaneidade.

Fabíola Cristina Alves (UNESP). *Macunaíma: visualidades sensíveis em correspondência*

Este estudo apresenta algumas considerações sobre o universo perceptível que envolve Macunaíma e uma análise comparativa da visualidade que compõe as seguintes obras: *O batizado de Macunaíma* (1956) de Tarsila do Amaral e *Macunaíma* (1969) estrelado por Grande Otelo, direção de Joaquim Pedro de Andrade. As duas obras tratam do romance *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade, publicado no período de atuação do Movimento Antropofágico. A análise considera a teoria da “correspondência” de Baudelaire e a teoria do vidente e o visível de Merleau-Ponty. A partir destes autores, procuramos compreender a interligação das experiências sensíveis originárias na percepção que as duas obras visuais proporcionam ao espectador da arte na fruição das experiências sensíveis originárias na obra literária.

Patrícia Alessandri (FAINC). *Cinema como arte / arte como cinema: uma reflexão sobre as questões do hibridismo na produção cinematográfica contemporânea a partir do filme São Silvestre, de Lina Chamie*

As significativas transformações no campo da comunicação e da tecnologia repercutem no âmbito das manifestações audiovisuais e do cinema tanto técnica quanto esteticamente, conferindo um viés renovado também à esta linguagem, que amplia seu campo de atuação para além de sua tradição como meio de produção de narrativas desenvolvidas a partir de imagens supostamente em movimento, manifestando-se através de relações entre-linguagens. As ideias de Gene Youngblood bem como o conceito de cinema expandido cunhado por este autor nos anos 70 apontam a importância desta complexidade de ideias permitindo definir o filme *São Silvestre*, de Lina Chamie, para ilustrar estas perspectivas. *São Silvestre* propõe experimentações audiovisuais pautadas por relações sinestésicas decorrentes da interrelação entre imagem/som/espacó, que provocam os sentidos do espectador, estabelecendo um nível de conexão emocional e sensorial para além das narrativas tradicionais, evidenciando uma linguagem que expande seus parâmetros inaugurais aproximando as relações entre cinema e arte e, proporcionando resistência e um contraponto ao padronizado cenário de dominação cultural.

Mediação: Mariana Duccini

17h00, Auditório da Biblioteca

SESSÃO PLENÁRIA: Cinema, relações institucionais e mercado

Antônio Tunico Amancio (UFF). Cooperativa Brasileira de Cinema - resistência e dispersão

Em maio de 1978, presidida por Nelson Pereira dos Santos, é criada no Rio de Janeiro a Cooperativa Brasileira de Cinema, uma das raras tentativas de inserção de realizadores no campo da exibição. Avalizados pela Empresa Brasileira de Filmes S.A (EMBRAFILME), os 40 cooperados adquirem o controle

do circuito de cinemas da decadente PELMEX e começam seu projeto de ocupação do mercado cinematográfico. Dez anos depois, a experiência se revela frustrante e seus traços quase se apagam da memória nacional.

Marília Franco (USP). O cinema tímido

Se nos sobra competência criativa para ocupar as telas com obras de todos os sabores, sobra também uma imensa timidez na organização e sobretudo na gestão de instituições para os fazeres audiovisuais. Parte desse perfil perverso fica muito evidente no próprio desinteresse da academia em fazer pesquisas e produzir conhecimento nessas áreas. Há trabalhos densos, sobretudo em relação às atuações do Estado, mas perfis de gestão de empresas ou de períodos da cinematografia brasileira são escassos se comparados à quantidade de trabalhos de análises estéticas e/ou políticas ou de perfil histórico. Quando a classe se uniu, através do CBC – Congresso Brasileiro de Cinema entre 2000 e 2012, e pensou um projeto de gestão nacional, conseguindo manter bom diálogo com um governo “com ouvidos”, houve uma aceleração de conquistas que mudaram perfis de produção e sobretudo de abertura de janelas para nossa produção. Precisamos refletir sobre nossa vocação de gestores para fazer frente aos novos tempos para o audiovisual.

Carlos Augusto Calil (USP). Uma perigosa dependência

O direito à Cultura está previsto na Constituição do Brasil. Esse dispositivo legal não assegura por si só o exercício nem a equilibrada distribuição das ofertas culturais de produção e usufruto, mas é o sustentáculo de uma política pública que sucessivos governos, de níveis diferenciados, vêm promovendo. Curiosamente, não importa o partido instalado no poder, há mais de 20 anos essa política convergiu na renúncia fiscal, o que no limite acarreta a opção por uma renúncia à política cultural propriamente dita. Em consequência, artistas e produtores dependem cada vez mais de subsídios governamentais. Se esse fato inibe o investimento privado em Cultura e Arte, atrela cada vez mais ao governo um setor que só tem relevância quando é independente e crítico do poder público e da sociedade institucionalizada.

Mediação: Arthur Autran

19h00, Auditório da Biblioteca

PROGRAMA ESPECIAL: Mario Benedetti e Jorge Andrade: duas abordagens sobre a tortura na América Latina, com Afrânio Catani (USP)

O objetivo desta fala é discutir a tortura de prisioneiros políticos na América Latina a partir de duas peças teatrais, *Pedro y el Capitán* (1979, Benedetti) e *Milagre na cela* (1977, Andrade). Em ambos os casos observa-se um intrincado embate entre torturadores e torturados em que as presumíveis vítimas não são subjugadas pelos verdugos, ocorrendo assim "uma vitória na derrota" - derrota que é, portanto, aparente.

Mediação: Yanet Aguilera

SÁBADO, 16 DE AGOSTO

9h00 – 10h45, Auditório da Biblioteca

MESA 19: Estudos comparados dos cinemas do período clássico-industrial: Brasil e Argentina

Flávia Cesarino Costa (UFSCar). Comédias industriais argentinas e brasileiras do período 1930 - 1950: uma comparação

Pretendo comparar filmes argentinos e brasileiros dos períodos industriais destes dois países (entre 1930 e 1950), atentando para os temas das relações de classe e de gênero. Seria possível discutir as conexões entre formas de resolução de conflitos em algumas tramas, e as influências de gêneros cinematográficos importantes na América Latina por seu apelo popular, tais como a comédia e o melodrama, bem como as distintas formas de entender e fazer cinema e os respectivos contextos históricos destes dois países?

Felipe Augusto de Moraes (USP). Oduvaldo Vianna: entre o teatro e o cinema, entre o Brasil e a Argentina

Oduvaldo Vianna é, reconhecidamente, um dos principais nomes do teatro brasileiro da primeira metade do século XX. Em menor grau, é lembrado também como homem de cinema, diretor de filmes como *Bonequinha de seda* (Oduvaldo Vianna, 1936), com script seu, e *El Hombre que nació dos veces* (Oduvaldo Vianna, 1938), realizado na Argentina com roteiro adaptado de uma de suas peças brasileiras. As relações de Oduvaldo com o cinema, e também com o cenário cultural de Buenos Aires, ocupam espaço premente em sua carreira e remontam ao começo de seu reconhecimento, ainda nos anos da Companhia Brasileira de Comédias. Esta comunicação procura assim reconstituir articulando, ainda que de modo inicial, estes dois "trânsitos" fundamentais na obra de Vianna: 1. O trânsito entre teatro e cinema; 2. O trânsito entre Brasil e Argentina.

Arthur Autran Franco de Sá Neto (UFSCar). Argentina Sono Film e Cinédia: uma comparação

A comunicação visa comparar a atuação da Cinédia, empresa brasileira fundada em 1930 por Adhemar Gonzaga, com a da Argentina Sono Film, criada em 1933 por D. Angel Mentasti. Cada uma dessas produtoras foi a mais importante no seu respectivo contexto nacional, no entanto, o quadro brasileiro ao longo dos anos 1930 foi de uma produção anual de longas-metragens que diminuiu durante a década e com pouca participação no mercado interno dominado por Hollywood; enquanto na Argentina a produção alcançou números significativos em termos da quantidade de filmes realizados, assim como houve expressivo avanço no mercado interno e mesmo no mercado ibero-americano. Objetiva-se com essa comparação descrever e analisar as estratégias de produção das empresas, as principais características dos filmes realizados, bem como a relação com o mercado.

Mediação: Alexandre de Sousa e Silva

9h00 – 10h45, Salão de Atos

MESA 20: Estudos da música no cinema

Joyce Curi (UFSCar). A "voz da música" em *O homem de couro*, de Paulo Gil Soares

O artigo pretende fazer reflexões sobre como trabalha a música no documentário *O homem de couro* (1969-70), dirigido por Paulo Gil Soares no projeto conhecido

como Caravana Farkas. Nossa proposta é perceber os usos e o comportamento das canções populares, dos aboios entoados pelos vaqueiros e da música instrumental da Banda de Pifanos na articulação da narrativa. Para isso, cruzaremos alguns conceitos teóricos da música no cinema com reflexões teóricas do campo do documentário, sem perder de vista o contexto de produção e o aspecto ideológico na representação do “outro de classe”. Nossas considerações se darão em torno de nosso objeto, mas também esperamos contribuir com outros estudos que pensem a música no cinema documentário.

Lucas Zangirolami Bonetti (UNICAMP). A fronteira entre o sound design e a trilha musical no filme *O beijo*

O presente trabalho pretendeu estudar a trilha musical composta por Moacir Santos (1926-2006) para *O beijo* (Flávio Tambellini, 1964), sob o conceito de fronteira entre o sound design e a trilha musical. Sendo esse conceito aqui apresentado uma ramificação de um estudo que está sendo realizado pelo Grupo de pesquisa em música e sound design aplicados à dramaturgia e ao audiovisual, do qual o autor faz parte. O uso da música e do ruído com suas funções invertidas é descrito e é observado como a narrativa fílmica ganha novos tipos de compreensão e significação.

Sandra Ciocci, Maurício Bortoloto da Costa Figueiredo e Ney Carrasco (UNICAMP). A trilha musical da comédia *Nem sansão nem Dalila*

No ano de 1954, a Companhia Atlântida Cinematográfica, empresa de cinema com sede na cidade do Rio de Janeiro, produziu o longa-metragem *Nem Sansão nem Dalila*, com direção de Carlos Manga. Este artigo apresenta um estudo sobre a trilha musical desta obra, equipamentos e profissionais utilizados para a produção e a comparação com a música do cinema produzido em Hollywood.

Mediação: Damyler Cunha

11h00 – 12h45, Auditório da Biblioteca

MESA 21: Cinema militante

Bruno Braga Rangel Villela (UFAM). A urgente ocupação do documentário pelo MTST no Brasil e pelo MTD na Argentina

Este artigo aponta diálogos iniciais entre o videoativismo, realizado por movimentos sociais, e a tradição política e estética do “documentário social militante” na América Latina. Para isso, traremos para o debate dois exemplos: a representação coletiva operada pelo MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto) em *Direitos esquecidos: moradia na periferia* (Brasil, 2005); e o exercício de autorrepresentação mediado pelo *Indymedia* e o MTD (Movimiento de los Trabajadores Desocupados) em *Compañero Cineasta Piquetero* (Argentina, 2002). Entende-se que, embora tais experiências mantenham-se presas a um discurso ideológico, elas destacam-se da videopolítica atual e reivindicam seu lugar na história do documentário latino-americano, atualizando o debate em torno da “voz do outro”, na afirmação de uma “ética da urgência”.

Vinícius Andrade de Oliveira (UniNassau). Coque: memórias da terra - histórias de vida e resistência na periferia do Recife

O presente trabalho pretende evidenciar como a série de documentários *Coque: memórias da terra* (Rede Coque Vive, 2012), realizada a partir da colaboração

entre diferentes atores sociais atuantes na periferia da cidade do Recife, em Pernambuco, recupera, reúne e (re)significa as trajetórias pessoais e coletivas de resistência dos sujeitos ligados à luta pela posse da terra num espaço historicamente estigmatizado e marginalizado, a comunidade do Coque. A partir da análise das diversas estratégias discursivas mobilizadas na série, exibida em assembleias de bairro e cineclubes e lançada num dos mais importantes cinemas da cidade, busca-se entender o modo singular por meio do qual é engendrada uma narrativa histórica cujo intuito é propor à comunidade uma nova visibilidade, visibilidade essa não mais vinculada à violência e à miséria, mas sim conjugada à memória afirmativa de resistência política dos seus moradores.

Jorge Flores Velasco (Paris 3). *Hacia el levantamiento del Inti Raymi: el cine de los movimientos sociales en Ecuador*

La ponencia visa mostrar un recorrido del video-activismo en Ecuador a través de un abordaje historiográfico y un análisis estético, teniendo la micro-historia como clave metodológica. En ese sentido, el cine político ecuatoriano será entendido como un filtro y un terreno mediador para la comprensión de la historia contemporánea del país. El valor heurístico del corpus analítico combinado con una estrategia multidisciplinaria que conjuga la historia, la sociología, la antropología y el análisis de contenidos permitirán contextualizar y entender la estética cruda y simple de un conjunto de películas, en que se mezclan los códigos del video reportaje, de la performance y del documental de observación.

Diogo Noventa (USP). *Batalha em Guararapes: tensão entre ficção e documentário como crítica à sociedade de classes*

Esse artigo tem por objetivo realizar o trânsito entre análise estética e reflexão histórico-social para compreender a inter-relação da linguagem do vídeo *Batalha em Guararapes I*, realizado pela FASE – Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional, no ano de 1984, com a história recente do país, mais precisamente o período de abertura democrática do país na década de 1980. A partir da análise das imagens e sons do vídeo e de seu procedimento de produção é possível perceber na estética de *Batalha em Guararapes I* seu ponto de vista sobre a história do país e seu posicionamento de classe.

Mediação: Fernando Rodrigues Frias

11h00 – 12h45, Salão de Atos

MESA 22: Paisagens sonoras

Kira Pereira (UNILA/UNICAMP) e Ney Carrasco (UNICAMP). *Candinho e a construção do som marginal*

O presente trabalho promoverá a análise da construção do espaço da diegese do média-metragem *Candinho*, de Ozualdo Candeias, através de suas imagens e sons, sob a perspectiva de Michel Chion e de Murray Schafer, utilizando como texto de apoio o artigo “Uma São Paulo de revestrés: Sobre a cosmologia varziana de Candeias”, de Rubens Machado Jr. A análise será feita tendo como foco a relação imagem-som que é resultado de uma construção artística, levando em conta os significados criados e sensações transmitidas, mais do que as possíveis limitações ou condições técnicas supostamente disponíveis aos criadores.

Marco Túlio Ulhôa (UFF). *Paisagens sonoras no Barroco* e Paul Leduc. O filme Barroco, do cineasta mexicano Paul Leduc, é uma livre adaptação do romance Concerto barroco, do escritor cubano Alejo Carpentier. Ambas as obras refletem sobre a alteridade latino-americana, a partir do encontro entre cultura e natureza. Utilizando o conceito de paisagem sonora, de Murray Schafer, o estudo desenvolve como, no filme, as estéticas musical e sonora, interferem nas relações culturais. Para isso, aproxima-se a teoria de Schafer e o universo do realismo maravilhoso.

Natalia Christofoletti Barrenha (UNICAMP). "¿Cómo hacés para dormir con tanto ruído?" A irrupção da cidade através dos sons em *Una semana solos* (Celina Murga, 2008)

No filme argentino *Una semana solos* (Celina Murga, 2008) algumas crianças e adolescentes passam uns dias sem a presença dos pais no condomínio fechado onde vivem, nos arredores de Buenos Aires. Entre experiências cotidianas das mais banais (travessuras, paqueras, tédio, videogames, televisão, música pop, esmaltes) às mais cruéis (preconceito de classe, racismo e vandalismo), passando pela transgressão adolescente (desafio à autoridade, ausência de limites – faltar ao colégio, dirigir um carro), *Una semana solos* materializa e particulariza algumas fraturas do aparente paraíso que os condomínios fechados pretendiam ser. Enquanto o "fora" é apenas uma referência e uma realidade longínqua no discurso dos personagens, o mundo que continua detrás dos muros se manifesta através dos sons off. Pretendemos, neste texto, analisar como a cidade da qual os países pretendem se apartar "invade" esse espaço por meio dos sons.

Mediação: Natalia Christofoletti Barrenha

14h30 – 16h15, Auditório da Biblioteca

MESA 23: Memória, violência, esquecimento

Bruno Konder Comparato (UNIFESP). Frei Tito de Alencar, brasileiro, banido, torturado

O objetivo desta comunicação é fazer uma reflexão sobre as consequências da tortura sobre as vítimas, em especial no que diz respeito à sua identidade com o mundo, que é devastada pela experiência traumática limite que constitui a tortura. Do ponto de vista da vítima, o sofrimento causado pela tortura representa uma ruptura radical, a partir da qual a própria concepção de humanidade e razão de ser da existência podem deixar de fazer sentido. É o que acontece, notadamente, quando se atinge o ponto de não retorno, quando a vítima se torna refém permanente do torturador e sua individualidade é irremediavelmente destruída. O argumento é ilustrado pelo martírio de Frei Tito de Alencar Lima, preso em novembro de 1969, levado para a Operação Bandeirante, e submetido a torturas ininterruptas pela equipe do delegado Fleury até a primeira semana de agosto de 1974, quando terminou de morrer, num convento na França, onde havia chegado um ano antes. Uma primeira tentativa de suicídio havia sido impedida pela vigilância e obstinação dos seus torturadores. Por um terrível paradoxo, foi obrigando-o a sobreviver que eles mantiveram o seu poder sobre Tito. Mesmo no exílio, ele ouvia permanentemente a voz do famigerado Fleury e do capitão Albernaz, que continuavam a ameaçá-lo: "se não falar, será quebrado por dentro, pois nós sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis. Se

sobreviver, não esquecerá jamais o preço da sua audácia.” Segundo o diagnóstico do psiquiatra que o tratou, na França, a partir de um determinado momento “Tito duvidou então do homem, dos outros, de si próprio.” A expatriação não o tinha libertado dos seus torturadores. Tito atingira o ponto de não retorno, pois havia se tornado exilado de si mesmo.

Cynthia Sarti (UNIFESP). *Violência e imposição do silêncio. Narrativas, apesar de tudo*

A apresentação parte da ideia básica de que, como qualquer experiência humana, as experiências que envolvem o corpo e as emoções estão inscritas em uma ordem simbólica. Como tal, fazem sentido na relação do sujeito com o mundo social. Os sentimentos, que são linguagem, quando vivenciados e expressos mediante formas instituídas, tornam-se, portanto, inteligíveis. Nas experiências de violência, ao sofrimento da violência vivida soma-se o da ausência de formas de expressão instituídas e de inteligibilidade para a dor. Há, nesses casos, o silêncio imposto e a recusa da escuta e da memória. A apresentação visa discutir as respostas à necessidade que não tem repouso de buscar construir, apesar de tudo, formas de falar da violência. Toma como referência a literatura, em particular, o livro *Memórias do esquecimento* de Flávio Tavares.

Jens Baumgarten (UNIFESP). *Arte e Arquitetura exilada dentro do país: Filipinas pós-Segunda Guerra Mundial*

As Filipinas foram um dos países mais devastados na Segunda Guerra Mundial – inclusive a capital, Manila, foi a segunda cidade mais destruída desta guerra. Não apenas a própria destruição, mas a memória da violência em torno da – chamada – última batalha de Manila, em 1945, onde ocorreram os massacres e estupros de massa cometidos pelos soldados japoneses, dão ao lugar que antes foi chamado a “pérola da Ásia” uma memória de distopia. Ele se transformou em uma “damnatio memoria”. Em seguida, não apenas foi criada uma nova capital – uma capital de exílio. E, também, todos os santuários da igreja católica buscaram exílio. Nesta palestra, gostaria de refletir a partir da arquitetura e das artes plásticas como este tipo de exílio interno foi construído e como este processo da negação de memória se transformou.

Mauro Rovai (UNIFESP). *O verde e o encarnado em P&B.*

O objetivo deste trabalho é analisar as imagens dos telejornais da RTP (Radio Televisão Portuguesa) que foram ao ar entre o final da tarde do dia 25 e o início da madrugada do dia 26 de abril de 1974. Pretende-se explorar os elementos formais mobilizados nas transmissões “ao vivo” da emissora (que foi tomada pelo exército na manhã do dia 25), destacando a maneira como o Movimento deflagrado pelas Forças Armadas foi narrado, descrito, saudado e mostrado. A análise levará em conta a articulação dos recursos expressivos mobilizados durante as emissões, como o uso de diferentes enquadramentos, a postura dos jornalistas diante da câmera e a “descrição” das imagens dos eventos filmados ao longo do dia. Este trabalho é parte de uma investigação sociológica mais ampla sobre a relação entre Imagem, Técnica e Política e incorpora aspectos debatidos em eventos internos do campus da EFLCH – UNIFESP.

Mediação: Bruno Konder Comparato

14h30 – 16h15, Salão de Atos

MESA 24: Representações e diálogos com filosofia e psicanálise

Geraldo Blay Roizman (FIAAM/FAAM). A imagética em Mário Peixoto
Uma análise do filme Limite (Mário Peixoto, 1931) deve encontrarseu sentido na
própria urdidura de imagens justapostas à música. Coincidem e colaboram com
a narrativa, movimentos gestuais de câmera livre, planos de atenção sobre
objetos e coisas, metáforas visuais e planos sequência delicadamente tecidos a
partir de texturas captadas nas diferenças de luz. Esta imagética é baseada na
própria experiência corpórea do cineasta. A noção de uma imagem-câmera
como reflexo do traço do mundo, ou a consciência do cineasta de captar a coisa
idêntica a si mesma, ganha uma dimensão poética no filme que determinará o
próprio pensamento enquanto imagem do cineasta.

Glauco Madeira de Toledo (IMESB/VC) e Patrícia Kiss Spineli (UNICAMP). A
bunda como elemento poético da memória em O cheiro do ralo

A representação das nádegas feminina na maioria das vezes foi de caráter
estereotipado no cinema brasileiro. A nádega é um símbolo de marca nacional e
está presente em diferentes períodos do cinema no Brasil. No filme O cheiro do
ralo (Heitor Dhalia, 2006), baseado no romance homônimo de Lourenço Mutarelli
(2002), há a personagem “bunda” que permite espaço para a discussão sobre
esse elemento do corpo feminino presente no imaginário brasileiro. A bunda
como um símbolo da mulher brasileira e do cinema nacional, de certa forma,
afirma a fabricação desse sujeito mulher. Nesse artigo procura-se discutir a
bunda como elemento poético e analisar como se dá a adaptação, da literatura
para o audiovisual, na representação desse elemento. Traça discussões através
da contraposição entre a bunda do imaginário popular para a da ficção; o uso
desse elemento do corpo feminino como representação de um estereótipo
brasileiro e argumenta sobre a representação do conceito bunda na literatura e
sua transposição para o cinema.

Dirceu Antônio Scali Jr. (PUC Campinas). O cheiro do ralo a partir do conceito
de objetos parciais na psicanálise

O trabalho tem por objetivo analisar o filme O cheiro do ralo tendo como subsídio
o conceito psicanalítico de relação de objetos parciais. O filme apresenta, em
sua estruturação, muitos elementos que remetem a esse conceito e dessa forma
possibilitaria uma análise tomando como referencial teórico a psicanálise e,
especificamente, o conceito mencionado. Para tanto, será realizada uma
retomada do conceito em determinados autores e tal conceito será o instrumental
teórico que servirá de base para a análise a ser efetuada.

Vitor Vilaverde (UFSCar). A representação do jovem na produção
cinematográfica recente da América Latina

Após a compreensão inicial de como se dá o processo de criação de uma obra
cinematográfica e levando em consideração todo o contexto social e político
influenciando na construção de um projeto fílmico, nesse trabalho buscar-se-á
analisar as semelhanças estéticas e no discurso de quatro filmes recentes de
países latino-americanos. A investigação leva em conta as formas estéticas que
esses filmes escolhem para posicionar-se politicamente, quando abordam
questões da juventude: suas ações, reflexões, dúvidas e conflitos. É também

interessante notar que o principal público que dialoga com os filmes escolhidos é, na maioria dos casos, proveniente de festivais internacionais e não necessariamente os próprios adolescentes dos quais o filme fala. Assim sendo, pretende-se apenas revelar uma forma de representação de um grupo social diferente da que é feita em obras que podem ser consideradas mais tradicionais.

Mediação: Dirceu Antônio Scali Jr.

17h00, Auditório da Biblioteca

SESSÃO PLENÁRIA: O registro da história e os movimentos sociais no cinema

Mónica Villarroel (Cineteca Nacional de Chile). Patrimonio audiovisual recobrado: imágenes de Chile 1919-1973

Este trabajo presenta los principales resultados de una investigación sobre cine chileno recobrado, que fue conservado en Alemania luego de la salida de Chile entre 1970 y el Golpe de Estado de 1973. El retorno, en 1999 y en 2001, de una considerable cantidad de materiales, fue el punto de partida para indagar sobre el proceso de salida, conservación, difusión en Alemania y el retorno de un valioso patrimonio cinematográfico nacional.

Ana Laura Lusnich (Universidad de Buenos Aires - Argentina). El movimiento del Cordobazo en el cine argentino: la hegemonía del registro documental

El movimiento político-social del Cordobazo, sucedido en mayo de 1969 en la ciudad de Córdoba, Argentina, produjo a lo largo de cuatro décadas una serie de películas de corte documental. Con el interés de comprender las características de estas realizaciones, la ponencia se centrará en dos aspectos en particular: a) el análisis de las elecciones narrativas y espectaculares que primaron en la representación del Cordobazo en el campo del cine, con especial atención en la hegemonía de los documentales de carácter informativo, expositivo y reflexivo, y b) la interpretación del fenómeno del Cordobazo en el campo del cine a partir de dos perspectivas recurrentes: la elaboración y la exaltación de las biografías personales y/o colectivas de aquellas figuras y segmentos sociales que participaron de los acontecimientos históricos; y la reconstrucción mediante documentos audiovisuales (televisivos y cinematográficos) del ambiente y de la época, abarcándose con estas decisiones no sólo las precisiones geográficas y temporales de los hechos sino particularmente la exhibición de un proceso histórico global.

Rosane Kaminski (UFPR). Ana, de santa a guerrilheira: fé e resistência no filme A guerra dos pelados (Sylvio Back, 1971)

O objetivo do texto é discutir a relação entre história e cinema, a partir da análise de recursos narrativos em *A guerra dos pelados*, produzido por Sylvio Back em 1971. Trata-se de um filme histórico sobre o Movimento do Contestado, que participa da construção da memória histórica em torno do evento. Focaliza a resistência dos camponeses expulsos de suas terras, e que são oprimidos pelos fazendeiros locais. Com a intervenção de forças militares, os camponeses lutam até seu quase extermínio. Destaca-se o papel emblemático das transformações que a personagem Ana, uma jovem camponesa, vivencia no filme. Ana é uma personagem simbólica, pois as diferentes fases da trama se relacionam diametralmente com as fases vividas por ela: no início vista como santa pelos

camponeses, depois passa a figurar como guerrilheira entre os resistentes. A escolha do cineasta em demarcar fases do filme a partir da transformação de uma mulher é vista como opção retórica, ou seja, o uso da figura feminina enquanto alegoria.

Mediação: Mariana Villaça

DOMINGO, 17 DE AGOSTO

15h00, Auditório da Biblioteca

Exibição de Liberdade de imprensa (João Batista de Andrade, 1967, 25') + debate com João Batista de Andrade

Mediação: Mônica Brincalepe Campo

16h30, Auditório da Biblioteca

ENCERRAMENTO

|| convidados ||

Afrânio Catani (Universidade de São Paulo - USP): Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos na USP. Foi docente da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do CNPq, é autor de mais de duas centenas de artigos, livros e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior sobre sociologia da educação e da cultura, história e historiografia do cinema latino-americano, políticas de educação superior na América Latina. Atualmente, é presidente da SOCINE - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual.

Álvaro Vázquez Mantecón (Universidad Autónoma Metropolitana - Azcapotzalco, México): Doutor em História da Arte pela Universidad Autónoma de Morelos, é autor de vários trabalhos sobre política e cultura no México do século XX. Entre suas publicações estão *Orígenes literarios de un arquetipo filmico - adaptaciones cinematográficas a Santa de Federico Gamboa* (2005), *Memorial del 68* (2007) e *El cine súper 8 en México, 1970-1989* (2012), além de vários artigos e documentários sobre cinema e artes plásticas no México. Trabalhou também em diversos projetos museográficos como *La era de la discrepancia. Arte y cultura visual en México, 1968-1997* (2006), *Cine y Revolución* (2010), *Imágenes del Cardenismo* (2011), além de ser o coordenador de pesquisa para o Memorial del 68 no Centro Cultural Universitario Tlatelolco da UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México).

Ana Laura Lusnich (Universidad de Buenos Aires, Argentina): Doutora pela Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires (UBA). Pesquidora adjunta do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e professora adjunta da carreira de Artes (Facultad de Filosofía y Letras - UBA). Dirige nessa instituição o Centro de Investigación y

Nuevos Estudios sobre Cine (ClyNE). Publicou os livros *El drama social-folclórico. El universo rural en el cine argentino* (2007), resultado de sua tese de doutorado; *Civilización y barbarie en el cine argentino y latinoamericano* (2005), *Una historia del cine político y social en Argentina. Formas, estilos y registros. Volume I (1896-1969) - Volume II (1969-2009)* (2009 e 2011), *Cine y revolución en América Latina. Una perspectiva comparada de las cinematografías de la región* (2014) e *Representação e revolução no cinema latino-americano clássico-industrial: Argentina, Brasil e México* (no prelo), dos quais foi coeditora e autora. Faz parte do conselho assessor e editor da publicação digital *Afuera. Revista de Crítica Cultural*, do conselho assessor da revista digital *Cine Documental* e é membro do corpo editorial da revista *Imagofagia*, publicação digital da Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual (AsAECA).

Antônio Tunico Amancio (Universidade Federal Fluminense - UFF): Graduado em Cinema pela UFF e mestre e doutor pela USP. Lecciona Roteiro e Cinema Latino-Americano no Curso de Cinema da UFF. Coordena o Laboratório de Investigação Audiovisual, que produz material pedagógico sobre cinema, e as sessões do Cineclube Sala Escura, especializado em filmes latino-americanos. Publicou *O Brasil dos gringos: imagens no cinema* (2000) e *Artes e manhas da EMBRAFILME* (2000), organizou a coletânea *Brasil/México: aproximações cinematográficas* (2011) e escreveu vários artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras. É também curta-metragista.

Carlos Augusto Calil (Universidade de São Paulo) é, desde 1987, professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP. Entre 2005 e 2012, exerceu o cargo de Secretário Municipal de Cultura de São Paulo. Sua gestão foi responsável pela recuperação e restauro de importantes equipamentos, como o Teatro Municipal de São Paulo e a Biblioteca Mario de Andrade, e pela criação e realização, durante oito anos, da Virada Cultural, o maior evento de rua da cidade. Construiu ainda a Praça das Artes, conjunto cultural que já teve sua primeira etapa concluída. Ao longo de sua trajetória, dirigiu o Centro Cultural São Paulo (2001-2004), foi diretor e presidente da Embrafilme - Empresa Brasileira de Filmes S.A (1979-86) e duas vezes diretor da Cinemateca Brasileira (1975-79; 1987-92). Como realizador de documentários em filme e vídeo, assinou títulos como *Acaba de Chegarão Brasil o Bello Poeta Francez Blaise Cendrars* (1972) e *Simiterio do Adão e Eva* (1975). Também é autor de mais de 130 artigos, resenhas e ensaios e editor/organizador de mais de 30 publicações, em áreas como cinema, história e literatura. É curador da obra cinematográfica de Glauber Rocha e Leon Hirszman. Por deferência do governo francês, tornou-se em 1987, Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres; em 2009, Commandeur dans l'Ordre des Arts et des Lettres, e, em 2011, Chevalier de la Légion d'Honneur.

Eduardo Russo (Universidad Nacional de La Plata, Argentina): Doutor em Psicologia Social. Pesquisador de cinema e artes audiovisuais e diretor do Doutorado em Artes da Facultad de Bellas Artes da UNLP. Ditou seminários de pós-graduação em diversas universidades de Argentina, Chile, Colômbia e México. Autor de *Diccionario de cine* (1998) e *El cine clásico: itinerario, variaciones y replanteos de una idea* (2008). Organizador e autor

de *Interrogaciones sobre Hitchcock* (2001), *Cine Ojo: un punto de vista en el territorio de lo real* (2007), *Hacer cine: Producción audiovisual en América Latina* (2008) e *The film edge* (2010). Dirige a publicação académica *Arkadin. Estudios sobre cine y artes audiovisuales* (FBA-UNLP). Colabora habitualmente com as publicações culturais *La Tempestad-Artes* (México) e *Ventana Indiscreta* (Peru).

Ismail Xavier (Universidade de São Paulo - USP): Um dos mais dedicados críticos e estudiosos do cinema nacional e internacional, é autor de inúmeros livros sobre o assunto, entre eles *Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema novo, Tropicalismo, Cinema marginal* (1993) e *Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome* (1983), e vem publicando diversos artigos em revistas especializadas e jornais desde os anos 1970. Graduou-se em cinema pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde recebeu os títulos de mestre e doutor. Tornou-se PhD em cinema pela Universidade de Nova York em 1982. Desde então, lecionou nas mais importantes universidades dos Estados Unidos e da França.

João Batista de Andrade: Escritor e cineasta. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo. Bastante atuante na área de política cultural, foi Secretário de Cultura do Estado de São Paulo e presidente da Associação Paulista de Cineastas por duas vezes. Atualmente, é presidente da Fundação Memorial da América Latina. Realizador desde os anos 1960, entre seus filmes estão *Liberdade de imprensa* (1967), *Migrantes* (1973), *Doramundo* (1978), *O homem que virou suco* (1981), *O país dos tenentes* (1987), *Vlado, trinta anos depois* (2006), entre muitos outros, todos ganhadores de diversos prêmios no Brasil e no exterior.

Marília Franco (Universidade de São Paulo - USP): Graduada em Cinema, concluiu o mestrado e o doutorado em Artes pela USP. Professora do Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes - USP, também ministrou cursos em Portugal, Espanha, Cuba e Venezuela. Foi diretora e docente da Escuela Internacional de Cine y Televisión de San Antonio de los Baños, em Cuba. Atualmente, é diretora do CBEAL - Centro Brasileiro de Estudos da América Latina da Fundação Memorial da América Latina.

Mónica Villarroel (Cineteca Nacional de Chile): Doutora em Estudos Latino-americanos pela Universidad de Chile. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Jornalismo pela Universidad de Chile. Coordenadora de difusão e extensão da Cineteca Nacional de Chile desde 2006 e organizadora do Encuentro internacional de investigación sobre cine chileno y latinoamericano nessa instituição. Docente na Escuela de Periodismo de la Academia de Humanismo Cristiano. Autora de *Señales contra el olvido. Cine chileno recobrado junto a Isabel Mardones* (2012) e de *La voz de los cineastas: Cine e identidad chilena en el umbral del milenio* (2005). Organizadora de *Travesías por el cine chileno y latinoamericano* (2014), *Enfoques al cine chileno en dos siglos* (2013) e *Imágenes chilenas en el mundo: catastro del cine chileno en el exterior* (2008). Tem artigos publicados em livros no Chile e no exterior e em diversas revistas especializadas.

Rosane Kaminski (Universidade Federal do Paraná - UFPR): Graduada em Artes Visuais pela UFPR, mestre em Tecnologia pela UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) com pesquisa interdisciplinar sobre imagem e doutora em História pela UFPR (2008) com pesquisa sobre a relação entre história e cinema, da qual resultou a tese intitulada *Poética da angústia: história e ficção nos filmes de Sylvio Back* (anos 1960-70). Atuou no ensino superior em cursos da UTFPR e da Universidade Positivo. Desde 2009 é professora adjunta do Departamento de História da UFPR. De 2008 a 2010 desenvolveu pesquisa financiada pelo CNPq sobre aspectos históricos e estéticos das ilustrações de revistas publicadas em Curitiba entre 1900-1920. Trabalhou como membro da Comissão de Artes Visuais da Lei do Mecenato da Prefeitura de Curitiba. É líder do Grupo de Pesquisa NAVIS – Núcleo de Artes Visuais e integrante do Grupo de Pesquisa História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação (USP). Organizadora do livro *História e Arte: Encontros disciplinares* (2013).

Rubens Luís Ribeiro Machado Jr. (Universidade de São Paulo - USP): Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Pós-graduado em Cinema pela ECA-USP, onde hoje é Livre-Docente e leciona História, Análise e Crítica. Estágio em doutorado na Paris 3; pós-doutorado na UNICAMP. Integrou o Conselho do Paço das Artes e do Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Conselheiro eleito em diversas gestões da Socine, onde cria o seminário Cinema como arte, e vice-versa. Lidera o grupo de pesquisa (CNPq) História da experimentação no cinema e na crítica. Estuda as vanguardas no cinema brasileiro e a relação cidade-cinema, escrevendo em publicações especializadas. Além de cineclubista, foi da editoria de revistas como *Cine-Olho*, *Infos Brésil*, *L'Amateur*, *Praga*, *Sinopse* e *Rebeca*. Autor de *São Paulo em movimento* (Alameda Editorial, no prelo). Curador da mostra *Marginália 70: o experimentalismo no Super-8 brasileiro* (Itaú Cultural, 2001).

|| equipe ||

O Grupo de Estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas – diálogos entre construção, expressão e espacialidade é vinculado à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Originário do curso de História da Arte da UNIFESP, o grupo foi enriquecido com a participação de pesquisadores de outras instituições acadêmicas do Estado de São Paulo. Esse contato entre estudiosos de procedências diversas foi possível graças aos cursos livres realizados no Memorial da América Latina. Empenhado em expandir as discussões relacionadas ao cinema e às artes da América Latina, o grupo coordena o II Colóquio com o objetivo de estabelecer um intercâmbio de ideias da relevante produção artística e cinematográfica desta região.

Comitê científico:

Antônio Carlos Tunico Amâncio da Silva (UFF)
 Afrânio Catani (USP)
 Cynthia Sarti (UNIFESP)

Elen Doppenschmitt (FIAM/FMU e PUC-SP)
 Eliane Coster (UFSCar)
 Ismail Xavier (USP)
 Mariana Villaça (UNIFESP)
 Marília Franco (USP)
 Mauro Rovai (UNIFESP)
 Olgária Matos (UNIFESP)
 Rubens Machado Jr. (USP)
 Yanet Aguilera Franklin de Matos (UNIFESP)

Comissão organizadora:

Alexsandro de Sousa e Silva (USP)
 Cristina Alvares Beskow (USP)
 Cristina de Branco (UNL – Universidade Nova de Lisboa)
 Daniela Gillone (USP)
 Diogo Noventa (USP)
 Dirceu Antônio Scali Junior (PUC- Campinas)
 Djair Britto Amorim (UNIP)
 Fernando Rodrigues Frias (USP)
 Lívia Fusco (UAM)
 Lúcia Monteiro (Paris 3)
 Marília Bilemjian Goulart (USP)
 Marina da Costa Campos (UFSCar)
 Miguel Dores (Pesquisador independente)
 Mona Perlingeiro (UNIFESP)
 Natalia Christofeletti Barrenha (UNICAMP)
 Ormuzd Alves (Pesquisador independente)
 Thays Salva (UNIFESP)
 Yanet Aguilera Franklin de Matos (UNIFESP – coordenadora)

|| contato ||

e-mails

cocaal2014@gmail.com
cinemalatinoamericano@gmail.com

blog

Grupo de estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas

facebook

II COCAAL - II Colóquio de Cinema e Arte na América Latina
Grupo de estudos Cinema da América Latina e Vanguardas Artísticas